

SAQUE- VIAGEM

O VOLEIBOL DE PRAIA CEARENSE
ATRAVÉS DE QUATRO PERFIS



SAMUEL PINUSA

SAQUE- VIAGEM

O VOLEIBOL DE PRAIA CEARENSE
ATRAVÉS DE QUATRO PERFIS

SAMUEL PINUSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P731s Pinto de Sousa, Samuel.
Saque-Viagem. : O voleibol cearense através de quatro perfis. / Samuel Pinto de Sousa. – 2020.
142 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

1. Voleibol de praia. 2. Ceará. 3. Perfis. I. Título.

CDD 070.4

Copywriting © Samuel Pinusa - 2020

Projeto Experimental

Curso de Jornalismo

Universidade Federal do Ceará

Defendido em outubro de 2020

Autor

Samuel Pinusa

Orientador

Edgard Patrício de Almeida Filho

Projeto Gráfico

Faruk Segundo e Calebe Rodrigues

Ilustração

Faruk Segundo

Diagramação

Nerice Carioca

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	15
FRANCO NETO	17
MÁRCIO ARAÚJO	47
TAIANA LIMA	79
REBECCA SILVA	109
REFERÊNCIAS	138

AGRADECIMENTOS

Obrigado.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e/ou todas as outras forças naturais que podem existir e comandam esse mundo onde estamos de passagem;

Depois, agradeço aos meus pais, Lucineide e Wellington, pois sem eles nada dessa trajetória seria possível;

Agradeço ao meu orientador Edgard Patrício de Almeida Filho pelos ensinamentos e sobretudo a paciência durante os vários meses de produção desse livro-reportagem;

Agradeço a minha honrosa banca, composta ainda pela professora Eugênia Cabral e pela jornalista Lygia de Azevedo Freire, que foram solícitas ao primeiro sinal do meu convite;

Agradeço a todos os personagens que compuseram este

livro-reportagem pela disponibilidade e atenção que foram essenciais para a construção das páginas a seguir;

Agradeço aos meus amigos que constam em uma lista imensa — tantos nomes que ocupariam páginas de um livro inteiro. Porém, deixo aqui palavras-chaves para que eles saibam que foram lembrados: QC Ladies, Quentinhas, Cirandas, C.O Enecom 2016, Positivers e Clube Poc;

Agradeço ainda a todos os jornalistas que me ensinam tanto e constroem comigo essa profissão cada dia mais necessária;

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo dentro da graduação em [Comunicação Social] Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, especialmente os professores e a minha inesquecível turma de 2014.2

Obrigado.

SAQUE-VIAGEM

O VOLEIBOL DE PRAIA CEARENSE ATRAVÉS DE QUATRO PERFIS

O saque é onde o voleibol começa, seja na quadra, na praia, na brincadeira de rua ou até mesmo na neve. Após cada ponto, um novo saque. Regra indiscutível. O saque é sempre um novo começo de um instante que pode se encerrar com três toques ou durar uma disputa de um minuto — eternidade nessa modalidade. O saque viagem é apenas um tipo desse fundamento. E sim, saque viagem normalmente não tem hífen. Não é o caso do título desse livro. O neologismo se fez necessário porque as próximas páginas contêm muitos novos começos dentro de um viagem por quatro décadas. Uma viagem com quatro paradas principais. Um percurso que começa quando o voleibol de praia ainda era encarado como um lazer, uma diversão, uma aposta para o futuro; passando por estações onde o cenário parece estar sempre mudando; chegando até um presente que pode não ser prólogo do futuro. Franco Neto, Márcio Araújo, Taiana Lima e Rebecca Silva são os sacadores dessa história e condutores dessa viagem. Entre eles, outros muitos passageiros que ajudam a contar a história de um voleibol sem registro histórico em documentos oficiais. O Saque-Viagem é, além de tudo, uma contação de história.

FRANCO METO





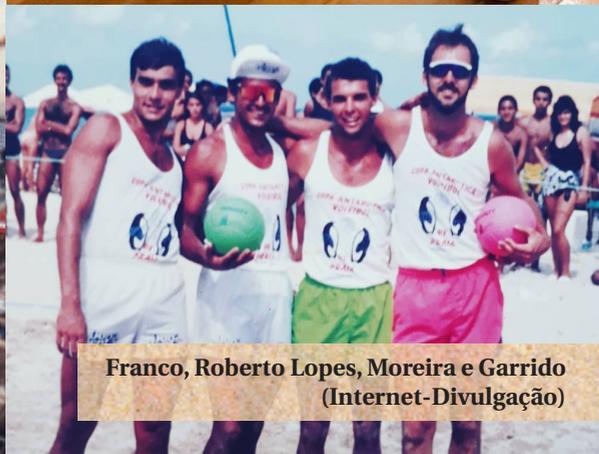
Franco Neto
(CBV)



Arena em Copacabana 1994
(Reprodução-Internet)



Bruno, Suelen e Franco em 2019
(Arquivo Pessoal)



Franco, Roberto Lopes, Moreira e Garrido
(Internet-Divulgação)

Rio de Janeiro. Nove de agosto. Era apenas uma viagem a passeio mas que se tornou um primeiro passo. Saindo do Centro de Niterói (cidade onde eu estava hospedado, na casa de amigos), na Praça Araribóia, pego a barca que liga o município da Baixada Fluminense ao Centro da Capital. No caminho, flutua minha ansiedade através das águas da Baía de Guanabara. Chego à Praça XV, no Centro carioca, e caminho pouco menos de um quilômetro até a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), local combinado para a entrevista. Antes mesmo de entrar, na calçada, já encontro Franco voltando do horário de almoço, ainda palitando os dentes. Ele, que sempre gostou do contato com jornalistas, não parece ansioso para as próximas duas horas de entrevista — ao contrário de mim. Subimos para o quinto andar e entramos em uma sala onde podemos conversar sem muitas interrupções. O campeão mundial, que agora trabalha como assessor do deputado estadual, Carlos Augusto Nogueira (PSD), me oferece água e café, não sei se por gentileza, se por ter percebido meu nervosismo ou ambos os motivos. Aquela viagem do Ceará ao Rio de Janeiro, agora, transformava-se em uma volta no tempo.

Pódio com Franco e Roberto em 1994
(Reprodução-Internet)



Franco José Vieira Neto. Esse era o nome que não faria mais parte do Ensino Médio — à época “Científico” — do Colégio Santo Inácio, no Bairro Dionísio Torres, em Fortaleza. O aluno que reprovasse de ano não seria mais aceito no corpo discente da escola. Era a regra. Assim, aos 15 anos de idade, acabava uma trajetória que tinha iniciado nos primeiros anos de vida, desde as primeiras aulas no maternal. A alternativa foi estudar no Colégio Marista, na Avenida Heráclito Graça, onde o irmão mais velho, Franco Alfredo Júnior, também estudaria para o ano pré-vestibular, após sair do Colégio da Polícia Militar do Ceará, na Avenida Mister Hull. Socializar sempre é uma tarefa difícil quando se é novato em uma escola — e em outros locais também. A opção foi começar os primeiros contatos através do esporte, prática que trouxera do colégio antigo.

“Desde criança, na minha geração, todo mundo entrava na nataçã — não como um esporte, mas porque a gente frequentava muitos clubes, piscinas, então era uma preocupação dos pais que você fizesse nataçã. E na época que eu estudei no meu antigo colégio, eu fazia nataçã e judô. Judô porque era caracterizado como um esporte mais de homem, porque as meninas praticavam mais ginástica. Naquela época tinha muito isso”, rememora Franco que nasceu em 11 de novembro de 1966. Assim como considerável parte dos brasileiros — principalmente os homens — Franco também começou a jogar futebol, ainda no Santo Inácio, e pela estatura (1,92m), ele jogava na posiçã de goleiro.

Quando se transferiu para o Colégio Marista, Franco tentou ser goleiro no time da escola, e mesmo com uma carta de recomendaçã oriunda da antiga instituiçã, veio o primeiro não: o colégio já contava com três goleiros no time, logo, não havia espaço para Franco. “Por que você não procura outro esporte?”, questionou o professor de Educaçã Física do Marista. “Eu quero qualquer esporte”, respondeu o adolescente de 16 anos que já tinha praticado futebol, nataçã, judô, basquete — e admirava o vôlei de fora das quadras. Então, ele foi apresentado a Paulo Buarque, o treinador de voleibol da escola à época. “Eu

era canhoto, então já era um diferencial. Fui apresentado ao Paulinho, meu primeiro técnico no voleibol. Assim, eu comecei. Aí fui treinando e gostando”, complementa Franco.

“Então, não tive passagem de infantil para infanto-juvenil, eu já entrei praticamente no meu último ano de juvenil. Foi uma ascensã muito rápida porque eu já tinha habilidade com as mãos porque eu jogava futebol [como goleiro], então a coordenaçã motora com os membros superiores me ajudou muito. Apesar que, tecnicamente, eu era muito limitado, porque eu não tinha a técnica, o fundamento que você adquire, geralmente, nas categorias de base”, detalha Franco, lembrando que o caminho à frente ainda teria muitas etapas. As primeiras passadas de Franco foram dadas na quadra, no voleibol indoor, como era comum na década de 80, tendo em vista que o voleibol de praia também ainda dava os primeiros passos em direçã à popularizaçã, profissionalizaçã e personalidade própria.

OS PRIMEIROS PONTOS

A origem do voleibol de praia tem sido encarada como uma incógnita no que diz respeito à uma data e um local precisos. A própria Federaçã Internacional de Voleibol (FIVB) relata rumores de grupo de pessoas avistados praticando o esporte em praias do Havaí, por volta de 1915. Mas, atualmente, encara-se a Praia de Santa Monica, na Califórnia (EUA), como o berço do vôlei de praia, na década de 1920. Contudo, a prática era outra se comparada aos moldes atuais. Essa diferença ao que se pratica atualmente seguiu durante muito tempo. O vôlei de praia era, nada mais, que uma forma de lazer, uma maneira de praticar o voleibol de quadra de forma mais acessível — ora, bastava uma bola e uma rede em qualquer ponto da orla em uma cidade litorânea. A “modalidade alternativa”, inclusive, era praticada por equipes de seis jogadores contra seis. Uma divertida imitaçã do indoor.

Esse inicial panorama mundial, que refletia-se no Brasil — e não diferentemente no Ceará — foi um cenário que perdeu durante, pelo menos, seis décadas posteriores. No Brasil, o “berço” do vôlei de praia é a cidade do Rio de Janeiro, com foco nas praias de Ipanema e Copacabana. “Uma distração de final de semana, praticado por milhares de pessoas em toda a orla marítima” é como inicialmente resume a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV).

Como em um ciclo, esse caráter lúdico da modalidade também se refletia nas areias fortalezenses. “O que acontecia era que, informalmente, um grupo se reunia para jogar voleibol imitando o Rio de Janeiro” [que imitava os EUA], informa José Airton Fernandes Lima, um dos primeiros (e principais) nomes do vôlei de praia em Fortaleza. Airton, hoje, é dono do Clube do Vôlei, na Capital cearense, e foi presidente da Federação Cearense de Voleibol (FCV) entre 1989 e 1992.

Ele relembra que entre os anos de 1974 e 1982 ocorreram oito edições do Campeonato Cearense de Voleibol de Praia. “Mas totalmente descaracterizado do voleibol de hoje em dia. Esse que estamos falando era jogado com sextetos, seis contra seis [mesmo na areia]. Nessa época eu era atleta e o evento foi ali onde tem aquela homenagem à Cagece (Companhia de Água e Esgoto do Ceará), em frente ao [Clube do] Náutico; ali havia quadra de voleibol. E aconteceu lá oito edições de campeonatos de voleibol de areia. Esse evento foi um sucesso em Fortaleza. Primeiro, pelo ineditismo. Segundo, porque todo mundo bonito, charmoso, ia para a praia para assistir”.

Apesar do sucesso desse primeiro campeonato de voleibol de praia relatado por Airton, o cenário para a prática na Capital não era o mais ideal. A principal dificuldade em praticar vôlei de praia estava ligada à falta de locais adequados. Na década de 70, o então prefeito de Fortaleza, Vicente Cavalcante Fialho, urbanizou um trecho da Praia de Iracema, que hoje é compreendido entre a Praia do Náutico e a Praia do Mucuripe. Com essa obra de requalificação, foram criadas as primeiras quadras de areia na Beira-Mar, em um local até hoje conhecido como

“Volta da Jurema”. Esse primeiro ponto, em parceria com alguns pontos da Praia do Futuro, ainda era um pequeno marco, mas que já assentava terreno para muitos jogos dali por diante.

A urbanização da Volta da Jurema tornou o local um “point” de encontro para a juventude de Fortaleza. “A gente ia para paquerar, tomar caipirinha nos ‘barzinhos’ por lá, e acabava vendo voleibol. Aí criou a primeira empatia do fortalezense com o voleibol de praia”, destaca Airton. Com a frequente presença de público, especialmente jovens e adolescentes, e a possibilidade de praticar o esporte, a Volta da Jurema se apresentou como palco ideal para uma crescente popularização do vôlei de praia em Fortaleza, ainda que nos moldes imitados do vôlei de quadra.

Assim como os outros jovens da época, Franco também frequentava a orla de Fortaleza com um grupo de amigos — o qual o irmão mais velho também fazia parte. Eles tomavam caipirinha na Barraca do Seu Raimundo, que ficava a uns 200 metros de distância da Volta da Jurema, quando Franco decidiu caminhar descendo um pouco mais na orla, se afastando de onde costumava ficar com o irmão e os amigos. Chegando na Volta da Jurema, ele encontrou um grupo de peladeiros jogando voleibol na areia, em um sistema de disputa de 4x4. Decidiu parar e assistir, com muita vontade de jogar, mas a timidez o impedia de demonstrar o desejo. A presença de Franco naquele local foi virando uma constante até que, um dia, alguém do grupo já experiente faltou, e os veteranos o convidaram para jogar. Prontamente, ele aceitou. “Eu me encantei com aquilo ali, acho que pelo ambiente, a gente adolescente... Tinha muitas garotas, a gente acaba sendo visto de ‘uma forma muito né’...”, relembra Franco, que na época se importava mais com os olhares das garotas em admiração.

Depois da primeira pelada, Franco voltou a frequentar o lo-

cal, mas continuava a ficar na arquibancada, admirando aqueles que ali jogavam. Mesmo tendo jogado uma vez, os convites para entrar na areia de novo não se repetiam. A explicação, Ronald Rocha, peladeiro da época, resume em uma sentença: “O Franco era ruim demais”. “A gente ficava [onde hoje é o Jardim Japonês] batendo papo para jogar de quarteto, três vezes por semana ali na Beira-Mar. E o Franco vinha atrapalhar o ‘racha’ [expressão popular para uma partida amadora]. Quando ele parava o carro lá em cima, a gente corria quatro para cada lado da quadra para ele não conseguir jogar porque ele atrapalhava o racha”, relembra com bom humor o atual presidente da Favece¹.

Apesar da falta de técnica, Franco começou a treinar na Associação dos Economistas da Caixa Econômica (AECE), a convite de Vicente Teixeira Aragão, apelidado de “Careca”, cunhado de Paulo Buarque, treinador de Franco no Colégio Marista. “[Lá] tinha um clube, que era o único a pagar um incentivo, um tênis, auxílio de transporte, essas coisas, e aí já fui jogar lá”, relembra Franco sobre os primeiros treinos mais profissionais no voleibol de quadra. Durante os anos de ensino médio, Franco continuou dentro dessa rotina de treinar voleibol de quadra, e bater peladas na areia para continuar envolvido com o esporte que já começara a amar — sem deixar de lado a empolgação de ser encarado como atleta por olhares de meninas adolescentes que iam à praia.

A VERGONHA DE SER JOGADOR

Apesar dos olhares de admiração dos potenciais ‘namoricos’, Franco tinha de lidar com uma visão mais conservadora por grande parte da população. Na década de 80, jovens que iam à praia para se divertir e jogar voleibol na areia herdaram o estigma relacionados aos surfistas em décadas anteriores:

¹ Em 2013, a FCV teve uma reformulação e passou a se chamar Federação de Voleibol do Estado Ceará (Favece), sob a gestão de Ronald Rocha. A história dessa mudança será contada em capítulo posterior.

vagabundos que não faziam nada. Embora já se dedicasse aos treinos de voleibol durante o ensino médio, Franco decidiu prestar vestibular para a graduação em Agronomia, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Em 1984, Franco José Vieira Neto não foi um dos nomes selecionados em Agronomia, com isso, veio a primeira — e única — pausa na iniciante carreira. Com a reprovação no vestibular, Franco foi proibido pelo pai, Alfredo Fernandes Franco, de jogar voleibol. Dali em diante, teria de se dedicar aos estudos se quisesse retornar aos treinos. À época, abrir a boca e dizer “sou jogador de vôlei de praia”, quando perguntado sobre a profissão, não era uma situação que os pais desejavam aos filhos.

A escolha do irmão mais velho de Franco também pairava como uma nuvem que pesava ainda mais o clima dentro de casa — e dentro da cabeça — daquele jovem de 18 anos. Alfredo, o irmão mais velho, havia escolhido ser médico, a mesma carreira do pai. Assim, Franco, que sempre foi muito competitivo, não queria ser comparado, e pior ainda, rebaixado em relação ao irmão. “Não é que ele não gostasse de estudar, mas era aquele menino diferente do mais velho, que era estudioso, mais focado nos estudos. Tinha uma cabeça diferente”, revela Teresa Franco, mãe do futuro atleta e do futuro médico.

Em 1985, com a pausa no voleibol, se dedicou aos estudos e passou em Agronomia na UFC. Teria sido uma vitória, se aquilo fosse o desejo de Franco. “A agronomia era muito mais para satisfazer uma coisa que meu pai queria do que propriamente uma coisa minha, entendeu?! Depois eu vi que não era minha praia”, confirma Franco. A “praia” de Franco era realmente a orla, a areia, e principalmente, a quadra de voleibol. O sucesso no vestibular serviu, pelo menos, para que Franco pudesse voltar a treinar.

“Eu dava preferência a ele estudar, fazer a faculdade dele, e era a mesma opinião do pai dele”, comenta dona Teresa. Assim como os pais não queriam um filho jogador de voleibol de praia, os sogros em potencial não queriam um genro com essa “profissão”. “Se você ia conhecer uma menina e o pai dela

perguntava ‘o que é que tu faz? Num estuda? Num faz nada?’, você ficava todo errado. Então, eu fiquei na faculdade muito mais para dar uma satisfação à sociedade do que uma satisfação pessoal”, revela o voleibolista.

Assim, Franco seguiu na faculdade de Agronomia. Era mais conveniente dizer que era estudante universitário de Agronomia do que atleta de vôlei de praia. Porém, a vergonha não impediu que Franco seguisse jogando, tentando conciliar os estudos com os treinos — uma tarefa árdua que o obrigaria, em um futuro próximo, a fazer uma escolha definitiva. “Então a gente ia toda noite para a Volta da Jurema, ficar lá jogando, e no outro dia eu tinha que acordar para pegar o carro, ou o ônibus, para ir para faculdade que quase atravessava a cidade toda”, relembra. Franco morava na Rua Beni de Carvalho, no Bairro Aldeota, e tinha de ir ao Campus do Pici, um percurso de quase 12 quilômetros.

Com o passar dos anos, os treinos do clube, as peladas na Volta da Jurema, e as aulas que começavam às oito horas da manhã faziam parte de uma rotina que Franco já não aguentava mais. O cansaço matinal por conta dos rachas na praia, inclusive, tirava dele a disposição para chegar à UFC e assistir à primeira aula. “Então eu já fui começando a me distanciar um pouco da faculdade. Acho que me decepcionei muito. Eu gostava muito do campo, do interior, do Sertão, porque meu pai foi político no interior e tal, mas tinha muita teoria, e eu nunca fui muito bom no estudo, então fui cada vez mais me apaixonando pelo esporte”, define.

‘COISA DE ADOLESCENTE’

Na época da faculdade, Franco já “treinava” em dupla com Roberto Lopes — a parceria que revolucionaria o voleibol de praia no Ceará — sob a tutela de Paulo Buarque, o primeiro técnico de Franco tanto na quadra, como na praia. Pouco tempo após o retorno concedido pós-vestibular, Franco começou

a disputar torneios pelo Nordeste do Brasil. Primeiramente, ele fez dupla com Franklin — um jogador um pouco mais velho, que era irmão de Clésio, por sua vez, parceiro de Roberto Lopes. Esses dois irmãos possuíam uma loja no Shopping Iguaçu, no Bairro Edson Queiroz em Fortaleza, então, eles não conseguiram ir a um torneio em Recife, no ano de 1988. Assim, Franco e Roberto Lopes, que tinham a mesma faixa etária e já treinavam juntos no clube, decidiram formar uma dupla. Queriam o destino que eles se unissem.

“Aí começamos a jogar torneios locais lá no Ceará, Norte-Nordeste, pegava o carro e viajava ali para Natal, para João Pessoa... Agora de uma forma muito amadora, né, a gente treinava porque nós éramos adolescentes, jovens, e que estávamos atrás de que?! Ia jogar torneios, viajava, conhecia outros lugares, praticava esporte, saía para farra à noite, ia paquerar, namorar... Então, era aquela coisa de adolescente”, relembra Franco como as viagens, os jogos e campeonatos ainda possuíam caráter amador. Os campeonatos eram organizados pelas próprias federações estaduais de voleibol do local sede da etapa e/ou torneio. Franco não lembra exatamente os valores das premiações [pois foram alguns campeonatos] mas revela que “não era muito”. Além disso, ele revela que a maioria das duplas participantes eram do próprio Nordeste.

O [quase] amadorismo dos campeonatos convergia com os treinos improvisados na Volta da Jurema, por volta do fim da década de 80. “A gente ia lá pra Volta da Jurema... Eu, o Roberto e o técnico (Paulinho), meio-dia porque como eu tinha faculdade de oito horas ao meio-dia, e de 14h às 18h, eu só tinha de meio-dia às 14h para fazer esse treino; o Roberto tinha uma farmácia com os pais dele, então ele ficava tomando conta, mas fugia da farmácia para treinar; e o Paulinho ia no intervalo das aulas dele”, relembra.

“Não é como se o Paulinho (eu no caso) fosse um ótimo treinador. Naquela época, poucas pessoas treinavam. A maioria só se juntava para jogar. Eu, sem experiência nenhuma de praia — eu era técnico de quadra — comecei a treinar com

eles, umas duas vezes por dia”, relembra Paulo Buarque, o primeiro tutor da dupla cearense.

“Quando dava por volta de 10h30/11h, eu já tava lá na faculdade doido para ir embora. Chegava lá, montava uma rede, como não tinha infraestrutura que eles têm hoje — nós fomos precursores — [...] então, a gente pegava um balde emprestado de um barraqueiro lá [...] quando a bomba (de água) estava quebrada, aquelas bombas de manivela de sugar [água], quando tava quebrada, você tinha que ir lá no mar, encher o balde e molhar a quadra [...] Não tinha alambrado, aquelas redes de proteção, era ruim quando a bola caía longe. A gente pegava cinco, seis, bolas estragadas, porque a gente não tinha grana pra isso, quando a bola ia caindo longe, a gente tinha de ir pegar e [a bola] voltava pesada porque molhava às vezes, a gente corria, pegava as bolas e trazia de novo para a quadra... Então assim começou o vôlei de praia”, relembra Franco sobre a situação adversa de quase quatro décadas atrás, mas com um tom de saudosismo e orgulho na voz.

Mesmo com a falta de experiência em treinar jogadores na areia, Paulinho se orgulha das ideias que teve e dos resultados que obteve. “Eu não tinha muita dificuldade [em treinar na praia]. As coisas deram certo com um trabalho empírico, que vinha tudo da minha cabeça. Fui muito criticado. Eu pegava o Franco e o Roberto Lopes e para fazer a preparação inicial para fortalecer a musculatura de perna, eu mandava eles empurrar o bugue, enquanto eu dirigia. As pessoas diziam ‘esse professor é doido’”, lembra Paulinho, com satisfação das metas alcançadas. Porém, ele revela que precisava se reinventar para suprir a falta de pessoas para participar dos treinos de cada fundamento. “Em treinamento de defesa, eu preciso de alguém atacando para que eles melhorem a defesa. No treinamento de bloqueio, eu preciso que alguém ataque para que eles bloqueiem”, destaca.

Franco e Roberto Lopes em 1994
(Arquivo SVM)



A TRILHA DOS CAMPEÕES

Mesmo com os campeonatos beirando o amadorismo, Franco e Roberto já se dedicavam mais às competições e caminhavam de mãos dadas, não apenas entre eles, mas com o próprio esporte que seguia evoluindo a nível local e nacional. Nos últimos anos da década de 80, a rotina de disputa de campeonatos se intensificou, especialmente em torneios classificatórios na região Nordeste do País. Em 1989, a dupla cearense disputou a final de um torneio classificatório em Recife (PE), contra os campeões brasileiros da época, Moreira e Garrido, dupla pernambucana. Com o segundo lugar, a dupla cearense se classificou para o Brasil Open (campeonato nacional da época) daquele mesmo ano, pois os atletas de Recife já estavam automaticamente classificados devido ao título nacional do ano anterior. Na primeira vez que Franco viajava ao Rio de Janeiro, cidade onde ele encontraria ainda muitas glórias, o cearense teve de se contentar com o 11º lugar no campeonato nacional, e um lugar para assistir ao Mundial na arquibancada.

Voltando à Fortaleza, após o resultado, os cearenses perceberam que precisavam evoluir o jogo fora das quadras e contrataram um preparador físico para trabalhar auxiliando o técnico Paulo Buarque. Uma estratégia que trouxe resultados. “A gente percebeu, logo no primeiro campeonato [com preparador físico], que o grande diferencial foi nossa condição física”, comenta Franco. À época, o voleibol era disputado em um sistema popularmente conhecido como “vantagem”. Na regra, as duplas só alteravam a pontuação no placar quando faziam pontos seguidos, ou seja, enquanto os adversários ficassem revezando quem pontuava, o placar seguia zerado. “O jogo tinha hora para começar mas não tinha hora para terminar; tinha 10 minutos [de partida] e o jogo estava 0x0: vantagem para um lado e outro... Só depois que [uma dupla] pontuava porque o cansaço ia batendo”, complementa o cearense, que ficou em

quinto lugar no campeonato brasileiro de 1990, e assim conseguiu vaga para disputar o primeiro Circuito Mundial da carreira.

“Na primeira etapa que o Franco e o Roberto disputaram de um Mundial, fomos a melhor dupla brasileira, porque a final foi entre os americanos. E disputamos o terceiro lugar com uma dupla aqui do Rio de Janeiro, que era Guilherme e André, e ganhamos aqui dentro da casa deles. Aquela arena lotada... Apesar de ser Brasil VS Brasil (porque era competição internacional) eles eram daqui do Rio [jogavam ‘em casa’, com a torcida favorável]. Com aquilo ali, a gente começou a ganhar uma notoriedade a nível nacional”, explica Franco, sobre o bom resultado na primeira participação mundial da dupla cearense.

O clima em Fortaleza sempre tem se apresentado como um diferencial que coloca a Capital cearense como um dos principais pólos para a prática do voleibol de praia. A Terra do Sol, combinada com 34 quilômetros de orla marítima, parece imprimir força, valor e coragem para além do brasão municipal. Os aspectos climáticos favoreciam Franco ao passo que, com o parceiro Roberto Lopes, eles ganhavam notoriedade nas areias brasileiras. Contudo, Franco travava uma batalha interna, dentro do próprio lar. Uma disputa que ele tinha de pelear sozinho: a falta de incentivo paterno à vida de atleta.

Retornando à Fortaleza após o pódio no Mundial de 1990, uma equipe de reportagem televisiva [Franco não lembrou qual a emissora] visitou a casa do cearense para fazer uma entrevista com o jogador em ascensão. Franco não esquece as palavras do pai ao ser questionado pelo repórter sobre a carreira do filho. “Ah bom, se é isso que ele quer...”, revela Franco, repetindo as palavras do pai. O jogador explica que, por motivos que hoje ele entende, o pai sempre preferiu que Franco se dedicasse aos estudos e à faculdade. “Ele reclamava muito, mas como a faculdade que eu passei era pública, ele

não estava pagando... Então foi uma opção minha. Mas ele nunca incentivou o esporte”, finaliza. Nas edições do Circuito Mundial de 1991 e 1992, os resultados não foram tão satisfatórios: quinto e sétimo lugares, respectivamente. Contudo, as posições nas tabelas não conseguiam barrar uma ascensão eminente da dupla cearense.

Com as participações nos campeonatos regionais e nacionais, o horizonte começava a expandir para além do litoral brasileiro. Os vôos internacionais começavam a entrar na rotina de dois jovens cearenses que faziam do antigo lazer uma profissão — sem nunca deixar de lado o sentimento de diversão. Sentimento é algo que não faltou a Franco no começo da década de 90. As viagens até já eram consideradas rotineiras, mas o Mundo às portas de uma globalização mais pulsante, em um período anterior aos moldes de consumo da internet que vive-se no século XXI, ainda era assustador.

“Naquela época, a gente viajava com um pedaço de fax debaixo do braço, com oração para chegar lá e ter alguém esperando a gente, porque não tinha telefone, não tinha nada de comunicação. Então foi uma grande vivência. Às vezes, eu estava no Japão, do outro lado do mundo, sem pai, sem mãe, sem ninguém... Só eu e meu parceiro rezando, sem falar um ‘a’ em inglês, [era tudo] na base da mímica. Não existia essa globalização, era difícil”, destaca Franco.

O Circuito Mundial de Vôlei de Praia (FIVB Beach Volleyball World Tour) foi o primeiro e principal campeonato internacional organizado pela Federação Internacional de vôlei com início no ano de 1987, com premiação de US\$ 22 mil, realizado na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Desde as primeiras disputas, os estadunidenses Sinjin Smith e Randy Stoklos dominaram o ponto mais alto do pódio — com exceção da edição de 1988, onde os também estadunidenses Pat Powers e Karch

Kiraly foram os campeões. Os mais de dez mil quilômetros que separam a Capital fluminense da Califórnia eram uma distância que simbolizava o quão o voleibol de praia brasileiro ainda precisava caminhar para conseguir tirar as medalhas de ouro dos pescoços estadunidenses. “Os americanos vinham aqui, ganhavam esse torneio, faziam a festa e iam embora, e morria aquilo ali”, se revolta Franco.

No início da década de 90, Franco recebeu outro motivo para se revoltar. Ironia do destino ou não, o médico que se preocupava com o futuro dos filhos não conseguiu olhar para o próprio presente. O pai de Franco descobriu um câncer de próstata. Carrancudo como Franco o descreve, ele preferiu não se hospitalizar nem gastar dinheiro com tratamento. A preocupação com o dinheiro ele deixava nos conselhos direcionados ao segundo filho, o rebelde: “carreira de atleta é curta, vai guardando, vai economizando, não fica só gastando”, repete Franco, lembrando dos conselhos repassados de pai para filho. À época, ele nem imaginara que o filho se tornaria um atleta com uma das carreiras mais longevas da história do voleibol de praia.

Sem confirmar a certeza se a carreira do filho seria curta, o pai de Franco faleceu no ano de 1993, causando um duplo baque na dupla cearense, uma vez que a mãe de Roberto também faleceu de câncer no mesmo ano, em datas próximas inclusive. “Então, ao mesmo tempo que tinha aquela coisa da gente questionar o porquê — foi a primeira vez que eu perdi uma pessoa tão próxima, ainda tenho mãe, meus irmãos — tão novo meu pai... Então, às vezes a gente saía no final de semana, eu gostava de uma cerveja, e eu me rebelava contra isso. Na semana não, eu me rebelava no treino, queria treinar, treinar...”, Franco embaralha frases tentando explicar a situação mas sem conseguir explicar um porquê. Um porquê inexplicável para qualquer um.

Enquanto a morte impedia o pai de ver a ascensão da carreira do filho, o nervosismo impedia dona Teresa de acompanhar os jogos de Franco. Ela revela que nunca assistiu à nenhuma partida da dupla Franco e Roberto Lopes, nem mesmo

pela televisão. “Ficava só em casa rezando. Eu já cheguei a ser atendida no hospital uma vez por causa de pressão alta. Nunca fui a um jogo dele, nem assistia pela televisão... Eu saía, ia fazer ‘mercantil’, inventava de fazer outra coisa para não assistir. Queria só o resultado”, explica a matriarca que apoiava o filho do jeito que era viável.

Repetir de ano na escola; virar jogador de vôlei porque não tinha vaga de goleiro no colégio novo; formar dupla com Roberto Lopes devido à ausência de outros parceiros; perder o pai durante os primeiros anos de uma carreira em ascensão. A vida de Franco parecia ser um grande playground do destino que brincava alternando cenários para aquela peça de 1,92 metro. Para além dos, até então, imbatíveis jogadores norte-americanos, Franco precisava superar o amargo sétimo lugar na edição do Circuito Mundial de 1992 e a dor do luto paterno.

FIM DA HEGEMONIA

Franco fala que a dupla que ele fez com Roberto Lopes não representava apenas ambos — e também não só a comissão técnica. Quando posto o óculos no rosto, a viseira na cabeça e guiados pelo som do apito inicial, Franco e Roberto representavam o Ceará inteiro. Ali, sem precisar de capas, máscaras, armas ou poderes sobrenaturais, eles viravam heróis alencarinós, representando uma massa de cearenses que nem sempre podiam estar perto deles — porque as principais fases dos torneios eram disputadas nas praias cariocas. Contudo, o Sol parecia emanar o calor do povo cearense para preservar força, valor e coragem que nunca faltaram a ambos.

Meses depois, em 24 de setembro de 1994, o Comitê Olímpico Internacional oficializava o Vôlei de Praia como um esporte olímpico, durante o encontro do COI em Monte Carlo, no Principado de Mônaco. A estreia do voleibol de praia entre as modalidades do principal campeonato multiesportivo do Mundo aconteceria nos Jogos Olímpicos de 1996, realizados

em Atlanta (Georgia), no país-berço da modalidade.

Após a sétima posição na colocação do Mundial de 1992, Franco e Roberto Lopes chegaram aonde sempre sonharam: na final do Circuito Mundial — que à época já era disputado em uma temporada que iniciava em um ano, e encerrava no outro, especialmente por conta do verão brasileiro — agora sob a tutela do técnico Ronald Rocha que tinha encerrado a carreira como atleta e aceitado o desafio de ser técnico de Franco e Roberto Lopes. Compondo aquele sonho vivo, os cearenses se hospedaram em um hotel na praia de Copacabana, situação digna de filme de cinema. O conforto de um dos melhores hotéis do País não foi o suficiente para aliviar o nervosismo de Franco, que sempre foi o mais passional da dupla. Ao acordar na madrugada que antecedeu a manhã quando a final foi disputada, ele olhou pela janela do quarto de hotel, e viu que uma fila quilométrica já se formava nas areias de Copacabana.

É SÓ MAIS UM! É SÓ MAIS UM!
TODO MUNDO PULA NA ARQUIBANCADA
TODO MUNDO SE AGITA
O BRASIL INTEIRO...
‘É CAMPEÃO! É CAMPEÃO!’, O
TORCEDOR GRITA...

A final do Circuito Mundial de 1993 foi transmitida pela Rede Globo de Televisão com narração de Galvão Bueno, uma das vozes mais emblemáticas do jornalismo esportivo. Os versos anteriores foram as palavras narradas por Galvão quando Franco e Roberto Lopes marcaram o décimo primeiro ponto daquele segundo set contra os estadunidenses Carlos Briceno e Jeff Williams.

Sob os gritos de “É CAMPEÃO!” na arquibancada, Franco foi ao saque. O ataque dos americanos foi defendido por Roberto Lopes mas a defesa não foi suficiente para que Franco pudesse atacar, sendo obrigado a passar a bola “de graça” para o lado adversário. “Deu de graça o Franco... Não era hora de fazer isso”,

lamentava Galvão. Contudo, o segundo ataque americano naquele rally vai para fora. Aquela bola atacada para fora das linhas, que limitavam a quadra de 18mX9m montada naquela arena, marcava muito mais que as areias da praia: a marca ficava no voleibol brasileiro, e mundial, como o fim de uma hegemonia.

“[Quando] terminou o campeonato, a gente foi para o Fantástico, aí foi tudo novidade porque foi uma coisa muito rápida. A gente não tava preparado para isso. Em Fortaleza, a gente se tornou ‘os reis’, vamos dizer assim, todo mundo sabia quem era a gente. Teve carro de bombeiro desfilando pela Cidade, a gente parou na volta da Jurema jogando bola para a torcida, fizeram um ‘auê’. Eu lembro que meu tio estava lá na Volta da Jurema, eu disse ‘vai lá para casa... Vocês gravaram o jogo? Bota o jogo que eu quero ver como foi a emoção como espectador, compra cerveja que eu vou comemorar com a família’”, relembra Franco sobre as comemorações posteriores aquele tão sonhado momento.

FRUSTRAÇÃO INEXPLICÁVEL

Para garantir vaga nos Jogos Olímpicos de 1996, os atletas de todo o mundo² precisavam estar bem colocados no Ranking Mundial da FIVB. Entre 1995 e 1996, em torno de 600 jogadores, representando 42 países, disputavam a primeira corrida olímpica da história do vôlei de praia. Por isso, o então presidente da FIVB, Ruben Acosta, fez uma mudança radical no Circuito Mundial de 1995/1996: o torneio seria disputado em 18 etapas, e não em cinco, o que vinha acontecendo. Ao Brasil, foram concedidas duas vagas no naipe masculino da modalidade, e assim, as seis melhores duplas da época disputavam as etapas do Mundial para saber quem colocaria os pés em Atlanta. “Além dos campeões mundiais Franco/Roberto Lopes, o país conta com as duplas André/Alemão, Zé Marco/Emanuel,

² Com exceção dos atletas estadunidenses, pois já estavam classificados devido à Olimpíada ter sido sediada nos EUA.

Paulão/Paulo Emílio, Moreira/Garrido e Guilherme/Pará”, explica uma notícia do jornal Folha de São Paulo, publicada em 18 de fevereiro de 1995. Em 96, os campeões do Circuito Mundial foram os brasileiros Zé Marco e Emanuel, no masculino; e Jackie Silva e Sandra Pires, no feminino.

Franco e Roberto já estavam classificados para as Olimpíadas de Atlanta como mérito do bicampeonato mundial, quando venceram a edição do Circuito em 1995, fato que os colocava como melhor dupla no Ranking. Completando a representação masculina do Brasil, entraram Zé Marco e Emanuel. “Quando a gente descobriu que ia para as Olimpíadas, foi aquele ‘boom’”, destaca Franco. “Foi exatamente onde caiu a ficha porque, como eu falei, tudo aqui era novo. A gente saiu do Ceará sem pretensão, a gente nunca fez uma programação para chegar lá [nos Jogos Olímpicos], a gente queria chegar lá, queria ganhar mas nunca se preparou para quando chegasse lá como seria nossa reação. E como a gente era inexperiente, a gente aprendeu batendo a cabeça na parede”, complementa Franco. À época, os bicampeões mundiais, eram considerados favoritos na busca por uma medalha olímpica naquele torneio de estreia.

Então, em 23 de julho de 1996, 24 duplas masculinas e 18 duplas femininas jogaram do mesmo lado, de mãos dadas, fazendo parceria com o próprio Vôlei de Praia, em uma quadra maior que as faixas na areia podiam simbolizar. Ali, em um estádio com capacidade para dez mil pessoas, em Atlanta Beach, estreava o Voleibol de Praia como um esporte oficialmente olímpico. “No desfile [da Cerimônia de Abertura], eu lembro que apareci muito [na transmissão televisiva], porque ‘os caras’ estavam botando os jogadores mais altos mais próximo da fila da direita [onde tinha mais destaque por conta da posição das câmeras]. Então, eu desfilei assim na frente, foi uma emoção descer aquela rampa, com aquela quantidade de flashes (de câmeras fotográficas). O Muhammad Ali³ foi quem acendeu a tocha... Ele estava com Parkinson... Muito emocionan-

³ Pugilista norte-americano, considerado um dos melhores da História.

te”, rememora, com brilhos nos olhos, Franco.

A emoção seguiu até o apito final da primeira partida, uma vitória por 15x5 contra Michal Palinek e Marek Pakosta, dupla da República Tcheca. Contudo, assim como a bola de vôlei durante uma cortada forte e potente, o vislumbre da emoção passou rápido. Logo na segunda rodada, os brasileiros foram derrotados por Sixto Jiménez e Javier Bosma, da Espanha; e depois, por Jan Kvalheim e Bjørn Maaseide, da Noruega. Com as derrotas, os brasileiros não seguiram para a fase final da competição. Os favoritos, os heróis nacionais, aqueles que carregavam nas costas a esperança de uma nação, caíram antes do esperado.

“Aquilo ali para mim foi uma facada no peito porque eu criei muito essa expectativa, eu lutei muito para chegar ali”, lamenta.

Como explicar um fracasso tão difícil de lidar? Como pedir para que a racionalidade fale mais alto que a emoção? Como calar os gritos do coração e de uma torcida apaixonada? Como refletir depois de uma decepção? No esporte, atletas precisam conviver com vitórias e derrotas — entre ambas, há algumas mais emblemáticas. Mas para quem já tinha experimentado o sabor da vitória em 1993, provar o amargo da derrota em 1996 era mais do que intragável.

Hoje, com 53 anos de idade — e mais de 20 anos para refletir — Franco busca explicações nos momentos que sucederam os Jogos Olímpicos de Atlanta. Com o sucesso da carreira em ascensão no meado dos anos 90, ele e Roberto começaram a ver no esporte, e nos prêmios em dinheiro que chegavam, a oportunidade de “fazer um pé de meia”, como diria a expressão popular — talvez com os conselhos do pai ainda vagando pela mente. “Franco, carreira de atleta é curta”. Acompanhando uma tendência mundial, os atletas começaram a entrar no mundo do marketing esportivo, fazendo campanhas de publicidade e até assinando bolas com o próprio nome. Além disso, Franco

e Roberto montaram uma academia esportiva em Fortaleza.

“A gente começou a dividir o nosso foco para outras atividades. A gente viu que era uma oportunidade de ganhar dinheiro a curto prazo, só que a gente não pensou que a melhor forma de ganhar dinheiro seria se a gente ganhasse Olimpíadas, porque aí sim, depois você ia colher os frutos. Isso foi imaturidade da nossa parte da gente querer colher os frutos antes da conquista, entendeu?! Essa foi uma das coisas que nos levou [à frustração com o resultado]. Nós emocionalmente não estávamos preparados para uma Olimpíada. A gente ficou lá em Fortaleza, treinando, achava que lá era o local mais adequado e tal. Mas como eu te falei, a gente tinha uma academia, então às vezes, a gente estava treinando, e aparecia um problema na academia, daí saía... Então, quer dizer, você não ficava no ambiente focado para aquilo ali”, busca consolo.

Ronald Rocha, à época técnico da dupla cearense, apresenta também outra explicação, uma nova versão, mas que vai ao encontro da imaturidade relatada por Franco. “Eu pedi à CBV para não ficar na Vila Olímpica, porque era um grande ‘oba oba’. Eu optei ficar em alguma casa com quadra para a gente treinar. Conversei com a CBV, eles toparam. Mas na hora, [a CBV] foi consultar os atletas e eles optaram por ficar na Vila. Isso para mim foi um ponto muito importante para nos levar a frustração. Eu passei 15 dias em Atlanta e sabe quantos treinos eu dei? Um treino, na metade da quadra — na outra metade treinavam Emanuel e Zé Marco. Na metade da quadra, treinamos eu e o Roberto porque o Franco tinha se machucado numa pelada dentro da Vila Olímpica. Pelo fato de não ter seguido o que eu pedi, o Franco se machucou, eu não pude trabalhar porque técnico não tinha acesso à Vila Olímpica, o foco foi outro”, complementa.

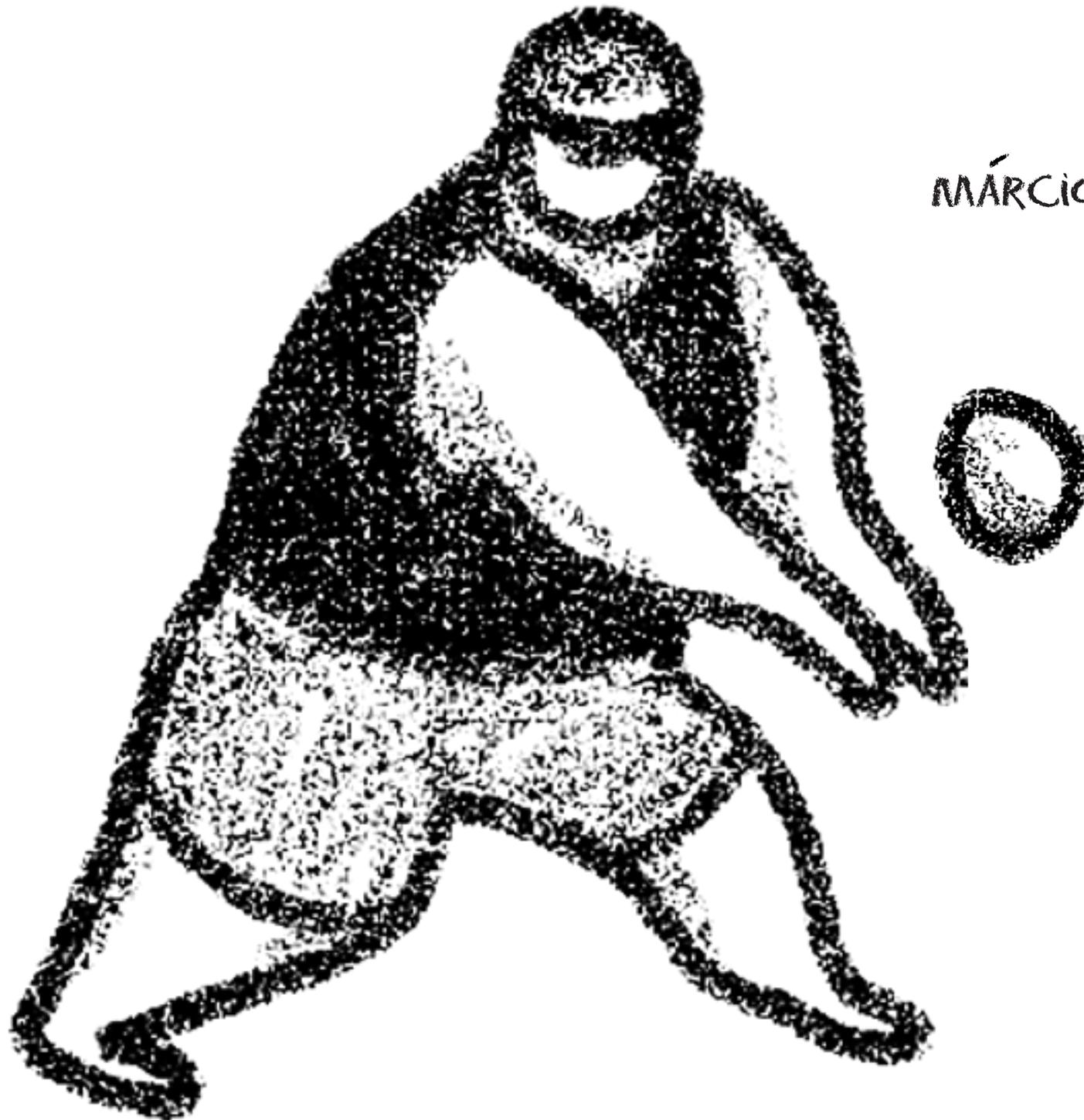
“Fomos um fracasso, ficamos em nono. A gente esperava ser melhor mas não esperávamos ser campeões. Nós sabíamos que tinha dois times melhores que os nossos, mais experientes, mais preparados. Éramos para ter ficado entre os quatro (primeiros), se tudo ocorresse normalmente, mas não ocorreu”, finaliza.

Roberto Lopes e Franco
(CBV)



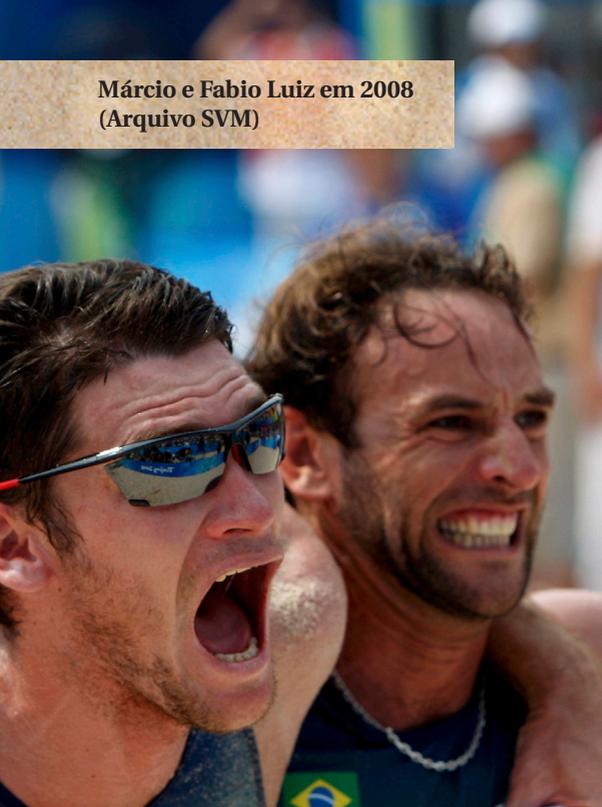
Os dias de tristeza, frustração e reflexão seguiram durante as semanas posteriores ao resultado. A cobrança [e a autoco-brança] da torcida e da imprensa, no Brasil importunava Franco e Roberto como um dedo em uma ferida aberta. A mente do cearense só encontrava apoio no colo grávido de Suelen Aurora, esposa a quem conhecera em 1992, e casou em 1994. O destino, que sempre jogou com o caminho de Franco, retirou daquele atleta cearense uma pessoa amada meses antes de uma glória inesquecível. Franco, que perdeu o pai antes de ser campeão mundial em 1993, preenchia o vazio paterno na própria vida com a figura de si próprio três anos depois. Após a perda nas Olimpíadas, em 5 de setembro de 1996, Franco ganhava. Ganhava um motivo para seguir em frente, ganhava um motivo para continuar tentando, ganhava ainda mais responsabilidade, ganhava um novo legado, ganhava uma pessoa amada. Ele, que tinha muitos títulos, agora, recebia mais um: o de pai⁴.

4 O nome do primeiro e único filho de Franco é Bruno D'Almeida Franco.



MÁRCIO ARAÚJO

Márcio e Fabio Luiz em 2008
(Arquivo SVM)



Márcio e Manoel Araújo em 2019
(Arquivo Pessoal)

Juliana, Júlia e Márcio em 2019
(Arquivo Pessoal)



Fabio Luiz e Márcio na Olimpíada de 2008
(CBV)

Fortaleza. Vinte e seis e vinte e sete de setembro de 2019. Márcio Araújo é presidente da Rede Cuca de Fortaleza, um projeto que trabalha com educação, artes, cultura e esporte para os jovens da Capital cearense — cargo que combina muito com ele, ainda exalando juventude aos 46 anos. O local combinado para a entrevista é uma das sedes da Rede Cuca, localizada no Bairro Mondubim (há outras duas, na Barra do Ceará e no Jangurussu). Preciso esperar por alguns minutos até Márcio chegar porque ele é bastante ocupado. Sem problemas. Bebo café e converso com Dona Antônia, secretária dele. O tempo parece que voa. Ao chegar, ele me cumprimenta com a mão direita mas foi com a esquerda que encantou as areias das praias pelo mundo. A entrevista precisa ser feita em dois dias, dividida em momentos de mais ou menos uma hora, porque o tempo dele eu disputo com outras várias obrigações. Apesar da correria, Márcio foi sempre muito solícito com as minhas demandas. No primeiro dia, ele toma banho, em um banheiro na própria sala, antes de começarmos a entrevista, pois treinava antes de encontrar comigo. No segundo encontro, ele pede à secretária que ela não o permita ser interrompido por uma hora. Assim, começo minha segunda volta no tempo.

Márcio nas areias de Pequim 2008
(CC Zimbio)



Em 1992, Franco e Roberto Lopes já eram uma das principais duplas do voleibol de praia brasileiro — e porque não, internacional. A perspectiva de ser profissional dentro dessa modalidade já era algo mais concreto, e conseqüentemente, o vôlei de praia continuava a se espalhar especialmente entre a juventude. A praia já disputava atletas com o indoor. Franco e Roberto Lopes eram inspiração para incontáveis jovens do País, especialmente àqueles mais próximos, que moravam em Fortaleza. Um desses adolescentes se chamava Márcio Henrique Barroso Araújo, ou apenas Márcio Araújo, como iria ficar conhecido futuramente.

Na década de 90, o populismo do vôlei de praia já começava a percorrer as ruas de Fortaleza, se afastando do centro simbolizado pela Volta da Jurema. As transmissões esportivas da Rede Globo, mostrando nacionalmente a etapa do Circuito Mundial, realizada no Rio de Janeiro, atingiam muito mais que espectadores, e ajudava a divulgar o esporte que também corria para a periferia, mesmo antes dos cearenses serem consagrados campeões mundiais em 1994, acabando com a hegemonia norte-americana. No Bairro Álvaro Weyne, na Regional I de Fortaleza, morava um jovem atleta que estava inserido no esporte desde muito novo, por influência do pai que era professor de educação física e árbitro de futebol e futsal.

Mais precisamente na Rua Francisco Nogueira moravam Márcio [o primeiro filho que nasceu em 12 de outubro de 1973] e os pais, Manuel e Helena Araújo. “Eu sou filho de professores, meus pais são pessoas muito simples. Nunca faltou nada para gente mas também nunca teve sobrando, nem de perto. Deus foi muito generoso em relação à minha família e ter me dado a oportunidade de uma boa educação com meus pais foi muito importante. Nossa base familiar sempre foi muito forte. Isso ajudou muito na minha vida”, destaca Márcio. A forte base familiar e a inserção de Márcio no esporte desde criança são dois fatores que o levaram à carreira de atleta. “Meu pai era coordenador de esportes no Sesi, professor de ginástica. Meu primeiro esporte foi ginástica olímpica, que hoje se chama de gi-

nástica rítmica. Eu fiz saltos ornamentais, ginástica de solo [...] então foram meus primeiros passos no esporte. Daí, eu comecei a praticar futebol, só não joguei basquete. Então quando eu entrei no vôlei, eu não era ‘jogador de vôlei’ mas eu já era atleta desde os três anos de idade. A minha vida toda foi no esporte”, complementa o atleta que iniciou no voleibol aos 16 anos.

Helena, mãe de Márcio, era pedagoga, mas o pai era professor de Educação Física. O futuro de Márcio no esporte já se desenhava na cabeça de seu Manoel antes mesmo do nascimento do primeiro filho. Manoel era professor de ginástica tanto no Sesi, quanto no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde Márcio estudava, e ao ver todas aquelas crianças e adolescentes às quais ele ensinava, o desejo de ter um filho entre aquela molecada era inevitável. “Daí eu pensava: ‘se eu tiver um filho, vou colocar ele aqui para fazer esportes’ — e aí veio o Márcio. Daí, ele começou a praticar esportes, e como eu era professor de ginástica do solo, coloquei o Márcio para fazer no Sesi; como ele era aluno do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde eu era professor, coloquei ele para fazer também no colégio”, explica o agora aposentado, seu Manoel.

Os primeiros anos de Márcio dentro do voleibol foram nas quadras, tanto dos colégios (Laser e Tiradentes — mas ele via mais como “uma brincadeira”), quanto em clubes de Fortaleza, como o Clube Náutico Cearense e a Associação Atlética Banco do Brasil (veja o nome certinho da AABB). Contudo, ele desde novo sabia que não era no vôlei indoor que deveria seguir. “Eu comecei a treinar no indoor, mas porque era minha fase de pegar os fundamentos, de início, de ser apresentado ao voleibol. Foi minha fase embrionária dentro do esporte, foi na quadra e nos colégios. E foi muito importante essa base [...] me destaquei um pouco na quadra mas não fui para frente, porque na quadra não tinha muita expectativa. A gente tinha que morar no Sul [do Brasil]”, revela Márcio.

UMA PROFISSÃO

Nos anos 90, como legado dos bons resultados de duplas de praia como Franco/Roberto (CE), Paulão/Paulo Emílio (BA), Moreira/Garrido (PE), o voleibol de praia definitivamente deixava de ser uma prática de lazer e tornava-se uma nova profissão. Em 1991, a Confederação Brasileira de Voleibol, com patrocínio do Banco do Brasil, inaugurou um circuito nacional (homônimo do banco) — iniciando, à época, o que se tornaria o principal campeonato do País. Primeiramente, a competição possuía apenas o naipe masculino. A primeira edição do Circuito Banco do Brasil de Voleibol de Praia teve cinco etapas, realizadas nas cidades de Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife e Salvador; e consagrou os baianos Paulão e Paulo Emílio como primeiros campeões.

A realização da primeira etapa em solo fortalezense contribuiu diretamente para o crescimento da modalidade na Capital. “Era a juventude toda no esporte. O vôlei de praia nessa época deu um ‘boom’. A gente começou a ter a Rede Globo transmitindo as finais do campeonato mundial em Copacabana, aquele negócio todo, todo mundo queria ser jogador de vôlei de praia. Era sensacional, os eventos eram gigantes [...] era muito lindo. Todo mundo queria ser jogador”, comenta Márcio sobre como o esporte era encarado quando ele foi inserido no vôlei de praia.

Airton Fernandes, que ficou à frente da Federação Cearense até 1992, revela também que a expansão do vôlei de praia obrigou a instituição a tomar uma medida fundamental para o reconhecimento da modalidade: a criação de um departamento exclusivo para a nova modalidade. “A Federação antigamente cuidava do campeonato cearense mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto. Com o sucesso do voleibol de praia, a Federação se viu compelida a fazer um novo segmento: o do vôlei de areia. Nesse contexto, eu me afastei porque eu saí em 1992. O Virgílio, meu sucessor, que pegou o apogeu duradou-

ro de sucesso do vôlei de praia cearense”, comenta Airton. Ele, que decidiu pôr fim à sua gestão para se dedicar ao Clube do Vôlei, foi substituído por José Virgílio Lima Pires.

DUPLA DE AMIGOS

Foi nesse cenário de um esporte em ascensão, com ídolos locais em quem se inspirar, que Márcio Araújo, de 1,92m, foi convidado por Ronald Rocha, técnico de Franco e Roberto Lopes, para treinar com a dupla em 1992, na Volta da Jurema. Márcio decidiu ir e levar o melhor amigo, Francisco Antonio Rodrigues Castro, que ficou conhecido, no “mundo do voleibol”, como “Reis”, apelido que ganhou desde o nascimento, por chegar ao mundo na data do Dia de Reis (6 de janeiro) do ano de 1970. Reis, 1,90m, morava a umas nove casas de distância de Márcio, na Rua Virgílio Brígido, também no Bairro Álvaro Weyne. Os amigos de infância também eram peladeiros de rua, e jogavam de forma improvisada em um campo — que não existe mais — na frente da residência de Reis. “Naquela região ali todinha, a gente jogava naquilo tudo”, relembra Márcio.

“Na minha época, o voleibol a gente conhecia com brincadeiras no meio da rua, na infância. A gente colocava um cordão que amarrava do portão de alguma casa para alguma madeira do outro lado da rua e começava a brincar, a bola nem de voleibol era. Então, com o passar do tempo você acaba pegando o gosto, e aí compramos [ele e os amigos] uma rede, fazendo aquela cota com todo mundo, compramos uma bola de voleibol mesmo. Fazia a marcação com próprio pé, puxando a areia para ficar aquele risco, e a partir dali, você vai brincando e a melhora vai vindo [...] vai ficando pouco, e você acaba procurando um clube para desenvolver mais as qualidades técnicas”, complementa Reis, sobre as brincadeiras de rua que iniciam o esporte.

As peladas de rua na região do Álvaro Weyne e Presidente Kennedy aumentavam a qualidade dos fundamentos e também a rede de coleguismo de Márcio e de Reis. Os ‘rachas’ pró-

ximos de casa e em outros pontos da periferia traziam outras pessoas, e eles começavam a identificar novos locais para a prática do voleibol de praia. Foi assim que eles conheceram o racha no Pólo de Lazer da Barra do Ceará, antes mesmo de ir treinar na Volta da Jurema. “Comecei na Barra com meus amigos; aí foi que eu passei mais de um ano jogando lá, dei uma melhorada no meu nível para poder ir jogar lá [na Volta da Jurema]”, comenta Márcio.

“A partir do momento que você tem aquele racha em frente a sua casa e fica muito bom, muito gostoso de jogar, começa a vir outros amigos e outros praticantes de outros bairros. Então começou uma propaganda muito grande. A partir dali, a gente começou a receber os convites de jogar em outros lugares também. Daí, a gente começou a frequentar o racha lá na Barra. O pessoal via muito potencial na gente porque éramos muito altos na época. Então, era só desenvolver as qualidades técnicas e físicas para de repente conseguir ter um sucesso maior”, destaca Reis.

Os amigos Márcio e Reis, que já jogavam pela vizinhança do bairro onde moravam, ganharam outro espaço que se fixou dentro da agenda semanal de ambos. Todo domingo, dezenas de jovens se reuniam em uma quadra de areia no Pólo de Lazer da Barra do Ceará, um dos pontos mais tradicionais — e belos — do litoral fortalezense. O vôlei de praia mais profissional, organizado, estruturado seguia centrado na Volta da Jurema, mas a periferia também tinha seus espaços de lazer e consolidação de uma prática querida pela juventude.

Já nos últimos anos da década de 80, alguns jovens que moravam pela região do Bairro Monte Castelo iniciaram o racha da Barra após o campo onde eles jogavam ser interditado, é o que lembra José Roberto Rodrigues — ou simplesmente “Robertinho” — um dos pioneiros a jogar na Barra. “O campo que

a gente jogava foi interditado porque construíram uma casa, e a gente não tinha o que fazer no domingo. E a Barra é um pouco mais próximo de onde a gente morava [...] nós levamos a rede, a bola mas não tinha a pretensão de ser jogador porque a gente não jogava [profissionalmente]. A gente viu que estava sem campo para jogar, porque naquela época era muito difícil ter quadra, só em colégio. Então, a gente combinou de ir para a Barra. Graças a Deus, deu certo e a gente conheceu muita gente lá”, conta Robertinho.

Dezenas de jovens jogavam pelo local, especialmente porque a informação se espalhava entre os amigos, e ia aparecendo cada vez mais gente. Robertinho, inclusive, revela que é difícil mensurar quantas pessoas passaram pela quadra no Pólo da Barra naquela época. Mas algo que ele lembra bem era da dedicação e do amor pelo esporte, mesmo quando encarado como lazer. “Naquela época, a gente via aquilo tudo como lazer, lazer total. Era tanto que a gente ia às oito horas da manhã de ônibus ou de bicicleta, e saía de lá entre três e quatro horas da tarde. A gente não tinha muita grana para ter carro, nem nossos pais, então a gente ia de ‘cambão’ [ônibus] mesmo, a pé ou de bicicleta, pelo amor ao esporte, porque a gente gostava muito do voleibol nessa época, e a gente não queria faltar, não queria deixar na mão a turma que combinava todo domingo de ir para lá”, relembra Robertinho, que não seguiu profissão como jogador, e atualmente é técnico de telefonia em uma empresa nacional.

Nos primeiros anos, ele revela que as pessoas ainda jogavam de sexteto, mas depois, em um processo natural que acompanhou o panorama do esporte em todo o mundo, eles começaram a preferir jogar de dupla. “Teve uma época que as pessoas foram saindo, e também a [TV] Globo começou a transmitir Stoklos e Smith, passar aqueles grandes eventos, então todo mundo queria jogar vôlei de dupla”, complementa. Quando Márcio e Reis chegaram, as disputas pelo Pólo da Barra já eram feitas entre duas pessoas de cada lado da rede. O racha já poderia ser considerado “rotineiro”, quando os melhores amigos

chegaram para jogar na Barra.

RIVALIDADE À TONA

Apesar da Volta da Jurema ser considerada, até hoje, o local mais simbólico em Fortaleza no que diz respeito ao voleibol de praia, era difícil centrar, em apenas um ponto, um esporte que encantava cada vez mais. O racha da Barra é um dos locais que já se apresentavam como alternativa de onde se tem conhecimento. Muitos outros devem ter existido — e existir até hoje. Contudo, a Barra tinha uma relevância um pouco maior fazendo frente à Volta da Jurema. A popularização e o crescimento das partidas informais distantes da Volta da Jurema já faziam surgir duplas suficientemente boas para competir com aqueles que treinavam pela Beira-Mar. Assim, como é natural do esporte, surgiu uma rivalidade entre os integrantes dos dois pólos (Barra e Volta da Jurema).

“Tinha rivalidade sim. Na época, era como se fosse os ‘lisos’ contra ‘os que tinham dinheiro’. A gente [da Barra] tinha isso na cabeça. Como a gente morava para esse lado de cá [periferia], e a gente não andava para aquele lado de lá (Praia Iracema, Beira Mar), então a gente tinha isso na cabeça [...] como se aquela turma era a turma rica e a gente era a turma pobre. Quem andava na Praia de Iracema não andava na Barra. A gente sempre tinha esse ‘achado’ na nossa cabeça, que os caras eram muito ‘bestas’, não queriam falar com ninguém, só queriam jogar entre eles porque eles eram ricos. É tanto que quando o Márcio e o Reis foram para lá, a gente ficou ‘por**! Quebrando paradigmas...’, de tanta rivalidade que a gente tinha com eles”, relembra — hoje com bom humor — Robertinho.

“O voleibol de praia do Ceará se jogava na volta da Jurema. Na Barra, era uma parte separada dessa galera; era uma outra turma. As duas turmas se conheciam mas ‘não se batiam muito’, cada um ficava na sua. Até quando tinha os campeonatos, a gente se encontrava e jogava. Então tinha uma certa rivali-

dade. Eu não me envolvia muito com essa rivalidade porque eu era amigo de todo mundo. Daí eu passei a jogar e fui super bem recebido pela galera toda. Depois, eu comecei a treinar com eles né?! Depois de um tempo, as coisas se encaminharam muito bem graças a Deus”, complementa Márcio, que foi, junto com Reis, o pioneiro a “quebrar paradigmas”.

“Existia uma rivalidade mas era como se fosse o primo pobre contra o primo rico. Mas o pessoal lá da volta da Jurema levava um pouco mais de vantagem por terem iniciado [anteriormente]. Quando eles fizeram a transição para o vôlei de praia, eles já vinham dos clubes de quadra. Nós somos o contrário: nós iniciamos na praia e depois procuramos clubes para treinar. Então, nessa época onde eles já tinham a técnica mais apurada que a gente, existia realmente um domínio maior deles. Mas depois que a gente começou a treinar juntos, desenvolvemos a nossa técnica e a preparação física, aí essa rivalidade se tornou maior”, finaliza Reis, outro quebrador de paradigmas.

As crias da Barra, Márcio e Reis, inauguraram a quebra de paradigmas com a iniciativa de um veterano da Volta da Jurema. Márcio e Reis, que ainda eram apenas uma dupla de amigos — e não de jogadores — foram convidados por Ronald, técnico de Franco e Roberto Lopes, para ser sparrings¹ da dupla cearense, em 1992. “Mais para ajudar do que propriamente seguir uma carreira. Só que eles foram desenvolvendo, e no ano seguinte, eles já estavam disputando Circuito Nacional Banco do Brasil”, complementa Ronald. Assim como no boxe, onde o pugilista precisa daquele boneco para praticar os golpes, os jogadores de vôlei de praia também precisam de alguém que: defenda e bloqueie, quando eles treinam o ataque; recepcione, quando eles treinam o saque; ataque, quando eles treinam a

1 Expressão que vem do boxe, em relação ao tronco de manequim onde os pugilistas treinam os golpes.

defesa e o bloqueio; e saque, quando eles treinam o passe. Essa era a função de Márcio e Reis no começo da década de 90.

A necessidade de um treino mais avançado já era inevitável pois as competições do vôlei de praia cresciam ao passo que o amor nacional pelo esporte acompanhava. Os campeonatos já se distanciavam do amadorismo, especialmente com a consolidação do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia Open (CBV Open) com o patrocínio do Banco do Brasil. Franco e Roberto eram as estrelas absolutas do vôlei cearense mas as próximas gerações começavam a surgir, e da melhor forma: pertinho dos ídolos.

“Eu vi que tinha condições de ir bem porque eu tinha uma condição física boa, tinha boa impulsão, era magro mas eu era rápido, tinha força. Então foi uma questão de tempo até me adaptar e entrar para jogar. Eu subia em cima dos caixotes para atacar, como eu tinha um certo controle de bola, eu ajudava nos treinamentos — eu ajudava mais do que atrapalhava, mas também atrapalhava. Mas essa geração inspirou muito. Éramos eu, o Reis e mais outras pessoas que foram convidadas para ajudar pelo Ronald. Isso fez com que outros grupos mais jovens pudessem também ajudar, e a partir daí, fez com que surgissem novos atletas”, lembra Márcio.

Quem depara com um atleta finalista de uma olimpíada não faz ideia das nuances de um começo de carreira. Márcio, hoje, brinca ao lembrar que, vez por outra, atrapalhava os treinos de Franco e Roberto Lopes. Ronald, técnico e tutor de Márcio, não nega a imaturidade do atleta à época. “O que eu posso dizer do Márcio é que ele no começo da carreira era um pouco irresponsável, brincalhão, não se dedicava aos treinamentos”, mas ameniza: “depois a gente foi incutindo na cabeça dele [a responsabilidade], ele foi melhorando e chegou onde chegou por causa disso”.

Quando Márcio começou a treinar na Volta da Jurema, o esporte era exclusividade. Ao contrário dos antecessores, o jovem saiu do Ensino Médio direto para as quadras de voleibol. “Quando o Márcio chegou, ele viu que tinha condição de crescer dentro da profissão, e largou tudo”, declara Ronald. “Assim

como o Franco e o Roberto também. Depois de um tempo, largaram tudo e ficaram exclusivamente sendo atletas, jogadores profissionais de vôlei de praia”, finaliza Ronald. “Eles treinavam três expedientes: de manhã comigo [treino técnico e tático]; à tarde, por volta de umas três horas, eles faziam musculação na academia; e 17h30, a preparação física na areia com preparador físico. Eram três expedientes, então não tinha como fazer outra coisa”, detalha Ronald sobre a rotina de treinos das duas duplas.

Algumas dificuldades do início de carreira se apresentavam também para Márcio e Reis. Ambos compartilhavam da mesma estrutura de Franco e Roberto, na Volta da Jurema. O prazer de um nível técnico elevado não eximia a falta de infraestrutura funcional. Reis comenta sobre as condições de treinamento que eles também tiveram de superar. “Aquelas redes de proteção na Beira-Mar não existiam. Se a gente tivesse atacando para o lado da pista, a gente tinha de atacar e correr atrás da bola porque, senão, o carro podia passar por cima e estourar; se a gente estivesse de costa para a rua e atacasse em direção ao mar, tinha de atacar e sai correndo porque, senão, a bola caía dentro d’água, dentro do mar, e ficava pesada”, lembra algumas das adversidades.

NOVOS ÍDOLOS SURGIAM

Os garotos que chegaram para auxiliar nos treinos começaram a ganhar espaço, experiência, qualidade técnica e visibilidade. As comparações com a dupla anterior eram inevitáveis, mas não incomodavam Márcio. “O pessoal falava muito ‘os substitutos do Franco e do Roberto’. Eu ouvi muito essa história”, diverte-se Márcio. “Mas para mim, isso era uma honra, eu sempre encarei essa situação com muita naturalidade. Eu sempre entendi o meu lugar”, complementa. Ele revela ainda que não passava pela cabeça chegar aonde chegou, bater de frente — e superar — Franco e Roberto.

“Mas depois que eu comecei a jogar e perder pouco para eles, aí eu vi que tinha condição de ir mais longe. Porque, para mim, era muito bom, eu treinava com os melhores. Então, a minha referência era ‘se eu fizesse um bom jogo com esses caras aqui [Franco e Roberto], quando eu pegar alguém do meu nível, eu vou ganhar’. Então eu peguei uma referência muito alta, eu comecei logo treinando com os melhores na época do Brasil, uns dos melhores do mundo, eram ‘os caras a ser batidos’, eram os caras que tinham conseguido vencer os americanos pela primeira vez. Então para a gente foi sensacional, esse início foi muito importante. Esse padrão me jogou mais para cima”, destaca Márcio. “É certo que muitas vezes eu pensei que aquilo não dava para mim, porque eles ‘eram muito acima de mim’, para eu poder chegar naquele nível, tinha de ralar muito. E eu mesmo achava que não dava para chegar naquele nível. Porque eu não entendia, né, eu estava começando e eles já estavam no auge da carreira, eles já eram os melhores. Aí depois é que eu fui entendendo que é um passo a passo”, finaliza Márcio.

À época, o foco das duplas de vôlei de praia era o Circuito Nacional. Apesar da popularização do esporte, o campeonato cearense não tinha o peso e a competitividade suficiente para ser prioridade aos atletas de nível nacional. José Virgílio, presidente da FCV a partir de 1993, revela que a Federação realizava um Circuito Cearense de Vôlei de Praia, todo na Volta da Jurema, porque “não era tão forte a questão da categoria de base”. “O nosso orçamento era muito limitado, então depois de algum tempo, a gente, ao invés de fazer o Circuito [Cearense], começou a colocar os atletas para jogar as competições nacionais e internacionais. Mas nos anos 90 a gente conseguiu efetivar um circuito estadual sim”, complementa.

Ainda de acordo com Virgílio, o Cearense não cumpria um papel de preparação para as etapas nacionais do Circuito Brasileiro — muito menos servia de treino para competições internacionais. “Na verdade, o Cearense era muito mais em busca de novos talentos. Ele era muito mais preocupado com a renovação do que efetivamente com atletas que já tinham determi-

Márcio Araújo em 2008
(Internet-Divulgação)



nado nível. Porque na época também o Circuito Brasileiro tinha um calendário muito grande e chegou a ter 16 etapas, além de 4 challengers. Além de tudo isso, ainda tinha um Circuito Mundial e o Campeonato Sul-americano. Então, era um calendário muito extenso”, finaliza o presidente da FCV à época.

“Quando o Márcio se desenvolveu no voleibol, ele já não jogava mais o Circuito Cearense porque ficou sem graça; não era um circuito competitivo para duplas de alto nível. Então, ele realmente priorizou os campeonatos que tinham fora do estado, o Banco do Brasil principalmente e o Circuito Mundial. Campeonato Cearense ficou obsoleto para o Márcio”, complementa o técnico de Márcio, Ronald Rocha, atual presidente da federação estadual.

“A gente jogava o Campeonato Cearense mas a competição não era muito forte, só quando o Franco e o Roberto jogavam. Mas tinha uns jogadores bons aqui [no Ceará], só que a gente vai ficando bom ao ponto que o Campeonato Cearense ficou fraco para gente. Aí, a gente tinha de pensar em jogar o Brasileiro, só que no Brasileiro, a gente era fraco. Então a gente tinha de treinar até ficar bom [...] a preparação era mais focada para a disputa do Brasileiro, então, a gente precisava treinar muito para jogar o Brasileiro e não pensava muito no Cearense”, lembra Márcio.

Ele reverbera a pouca competitividade do Circuito Cearense e lamenta que nem todos os atletas contemporâneos dele tenham tido o mesmo foco em construir uma carreira no esporte. “Regionalmente os atletas desistiram muito. Muita gente não perseverou, infelizmente. Tinha muitos atletas, mas poucos se destacavam porque não investiam em si mesmo. Tiveram atletas, talvez, até melhores do que eu; vários aqui no estado do Ceará tinham uma capacidade melhor do que a minha, já eram jogadores de voleibol de praia melhores, só que não se submetiam aos sacrifícios de viajar, de competir, de perder, voltar e treinar mais, porque tinham uma vida onde talvez não fosse esse o foco”, destaca.

Um fator que pode ter levado Márcio a se destacar e perse-

verar entre o grupo de jovens atletas que surgiam no meado da década de 90 foi o apoio familiar, especialmente centrado na figura do pai, seu Manuel Araújo. O pai de Márcio estava inserido dentro do mundo do esporte especialmente porque era técnico de futsal e futebol. A profissão cedia a seu Manuel contatos importantes com políticos e outras autoridades dentro do esporte. Ele, que nunca teve receio ao pensar em ter um filho jogador de voleibol de praia, confirma: “além de ver com bons olhos [Márcio ser atleta], com muita fé e segurança, eu fui o maior incentivador dele”. “Pelo meu prestígio, eu tinha facilidade de conseguir passagens, hospedagens, alguns patrocínios”, complementa seu Manuel, hoje aposentado.

“Meu pai começou me ajudando porque eu não tinha dinheiro, era ‘menino liso’, não tinha pra onde ir. E meu pai foi me ajudando, me dando essa força. Depois eu consegui me bancar, demorei mais ou menos um ano até eu consegui me bancar. Aí pronto”, relembra Márcio. “Meu pai foi um cara fantástico na minha vida. Abaixo de Deus, se não fosse meu pai, eu não teria chegado onde cheguei”, complementa. Outro fator que Márcio considera preponderante eram os resultados que ia alcançando, e mesmo quando perdia, a melhoria que ele notava em si próprio com o passar dos anos.

“Quando eu cheguei lá [no CBV Open] e vi que se passasse um tempo a mais treinando, ia ganhar daqueles caras, eu vi na minha cabeça que eu tinha condições de fazer aquilo acontecer. Então, foi da minha persistência, eu insisti e perseverei, não deixei que ninguém tomasse meus sonhos de mim. Porque muita gente me disse que eu não conseguiria, porque eu era muito magro — só não diziam que eu era baixo porque eu tinha uma boa altura, naquela época 1,92m é uma altura relativamente alta, hoje não é mais. Mas eu sempre botei na minha cabeça que aquilo era a opinião de cada um. Você dizer que eu não sou bom, que eu ‘sou isso, que eu sou aquilo’ é só a sua opinião. Eu sempre fui muito forte de cabeça, o meu [lado] emocional sempre foi muito forte. Então, eu sempre fui atrás do que eu acreditava, claro que eu sonhava o que eu podia al-

cançar porque, senão, isso já virava delírio. É diferente você sonhar e você delirar”, complementa Márcio.

“Então eu tinha sonhos. Qual era o meu sonho? Era melhorar como atleta. Depois que eu fui melhorando, o que era meu sonho? Agora já era passar da fase classificatória. Aí depois que eu comecei a passar da fase classificatória, qual era o meu sonho? Era entrar no ranking [de melhores atletas da CBV]. Então, eu transformava tudo isso, todos os sonhos, em objetivos para, através das minhas metas, eu alcançá-los. Foi assim que eu alcancei [...] foi por isso que os outros desistiram, porque para você transpor um obstáculo, você tem de tentar várias vezes. Se for um obstáculo mais alto, você tem de pular mais alto”, destaca.

Além da maturidade de saber lidar com resultados negativos no começo de carreira, Márcio não nega que outro desafio era aguentar a rotina de viagens. De acordo com ele, muitas vezes teve de viajar de ônibus até mesmo para o Sudeste, afinal, muitos campeonatos aconteciam no Rio de Janeiro. “Antigamente, só quem viajava de avião era quem tinha dinheiro. Agora, eu, menino de rua, como é que viajava? Não tinha a menor condição. Uma vez ou outra, meu pai conseguia com alguém [passagem de avião] mas quando era para o Sul — Rio, São Paulo, uma vez perdida. Eu ia, ficava na casa de alguém, ia de ônibus para outra cidade e de lá voltava de ônibus. Mas eu fui de ônibus para o Rio de Janeiro duas vezes, fui e voltei”, revela Márcio, que também não deixa de destacar a questão financeira.

AMIGOS À PARTE

A parceria entre Márcio e Reis rendeu bons resultados àquelas jovens atletas, como por exemplo, um terceiro lugar no campeonato nacional de 1996, ficando à frente até mesmo do experiente pernambucano Garrido, que jogava com Lula Barbosa, e não mais com Roberto Moreira. Neste mesmo ano, eles conseguiram ficar em 17º em uma etapa do Circuito Mundial de Vôlei

de Praia, quando ainda ocupavam a 152ª posição no ranking da FIVB. Contudo, os resultados ainda não eram o esperado por Márcio Araújo. Então, em 1999, Márcio e Reis voltaram a ser apenas uma dupla de amigos, por decisão de ambas as partes.

“Durante o período que a gente ficou juntos, nós começamos a aprender a jogar voleibol de praia. Então, toda aquela dificuldade do início, aquele estresse — porque todo início é estressante — você vê uma dupla melhor do que a sua, você quer melhorar, ficar tão bom quanto ou melhor do que o concorrente, então, exige uma cobrança muito grande da nossa parte um para com o outro, para que a gente evoluísse o mais rápido”, relembra Reis.

“É tanto que nós aprendemos a jogar voleibol com Franco e com o Roberto. e depois de uns quatro anos, a gente já estava ganhando deles. Com o passar do tempo, o teu próprio corpo tem um limite de desenvolvimento, e eu percebi que o nosso time, quando chegou no final da temporada de 98/99, o Márcio precisava de um bloqueador mais alto”, revela. Reis, em 1999, teve uma lesão no joelho direito, que pareceu ser um dos sinais que, para ele, o futuro seria diferente. “Eu perdi o estímulo para jogar e parei com 31 anos de idade, ou seja, muito novo”, destaca o ex-atleta que sofreu uma nova lesão, no joelho esquerdo, em 2001, quando decidiu parar de vez. “Poxa, com saúde de cavalo que eu tinha, era difícil ganhar dos caras, imagina com os dois joelhos operados. Então decidi fazer outra coisa da minha vida”. Reis parou de jogar há 19 anos, quando decidiu seguir carreira fora das quadras.

Márcio então decidiu seguir carreira com o sul-mato-grossense Benjamin, 1,96m, que à época tinha 27 anos, ainda sob a tutela de Ronald Rocha. Benjamin era um dos melhores jogadores de vôlei de praia do Brasil, sendo escolhido “atleta revelação do Circuito do Banco do Brasil” em 1999. Contudo, Benjamin sempre teve uma personalidade explosiva e complicada. Ronald, antes de fechar a parceria com o futuro novo comandado, ponderou bastante. “A princípio, eu fui contra porque o Benjamin é um cara muito maluco, eu via nos campeonatos

brasileiros o comportamento dele, de levar cartão vermelho, discutir com parceiro”, revela, “mas era um craque”, enfatiza. “Eu tive uma conversa longa com o Benjamin, tipo uma entrevista, para saber se ele se submetia ao que a gente pensava ser o correto. E o Benjamin disse que sim. E se submeteu dentro das nossas necessidades mas também dentro da realidade dele, porque também não dava para sair da personalidade que era muito difícil”, complementa Ronald.

UM NÍVEL A MAIS

“É passo a passo. Quando você começa a jogar o estadual, você começa a pensar em disputar um regional e nacional. E assim foi feito. Eu fui disputando algumas competições até chegar no nível que dava para eu viajar representando o Brasil, para disputar competições. Quando eu comecei a disputar o Campeonato Brasileiro, comecei a sonhar em me ‘rankear’ ficar entre os primeiros do ranking, entre os 16 do ranking [da CBV]. Quando eu cheguei entre os 16, eu pensei ‘agora eu vou melhorar para eu ir subindo, para ficar entre os seis [primeiros], por que esses seis são os convocados para disputar o Circuito Mundial, viajar para fora”, relembra Márcio.

Com Benjamin, um bloqueador mais alto que Reis, Márcio pôde elevar o nível da dupla e almejar resultados maiores. Os bons frutos da parceria já puderam ser colhidos no ano seguinte, quando em 2000 o cearense foi campeão do Circuito Banco do Brasil — e finalista nas três edições seguintes. A nível internacional, a dupla também já escrevia o nome nas areias do mundo todo. Márcio e Benjamin foram vice-campeões em 2002 e 2003, atrás apenas dos argentinos Martín Conde e Mariano Baracetti, e dos brasileiros Emanuel Rego e Ricardo Santos, respectivamente. “Quando eu comecei a disputar o Circuito Mundial, no primeiro ano, já fui vice-campeão do mundo. Aí abriu a possibilidade de disputar uma vaga para as Olimpíadas, e assim eu corri atrás”, complementa Márcio.

A dupla subiu em inúmeros pódios durante os anos da parceria, e não surpreendentemente, conquistaram a classificação para as Olimpíadas de Atenas, em 2004, junto com Emanuel e Ricardo. “Na verdade, sem modéstia nenhuma para falar, porque não estou falando de mim, estou falando do time, fomos um fenômeno naquela época no pré-olímpico com o Márcio e o Benjamin”, complementa Ronald. “A primeira vez que eu disputei as Olimpíadas em 2004, Atenas, o berço da civilização, berço dos Jogos Olímpicos, o início de tudo ali. Foi fantástico”, enfatiza Márcio.

Contudo, mais uma vez o deslumbre de uma experiência inédita e olímpica acabou em um resultado traumático e inesperado. Márcio e Benjamin foram eliminados na etapa das oitavas-de-final dos Jogos Olímpicos de 2004, amargando a nona colocação, após serem derrotados pelos irmão suíços Martin e Paul Laciga. Um fato curioso, de acordo com publicação do portal de notícias Terra, é que os jogadores suíços eram brigados, não se falavam fora de quadra, e jogavam juntos apenas “por imposição do pai”, revela a publicação de 21 de agosto de 2004. “Na comemoração, o litígio ficou evidente: cada um partiu para um lado da arquibancada e fez a festa com a torcida de seu país”, complementa o Terra.

“A gente tinha um time muito forte para poder brigar por uma possível medalha, e nós perdemos. Fomos parados nas oitavas de final por um time da Suíça que a gente tinha ganhado deles quase 20 vezes”, hiperboliza Márcio. “Então foi um pouco traumático, frustrante”, complementa o cearense. Após a decepção com o resultado em Atenas, Benjamin ficou um período afastado do esporte. O cearense e o sul-mato-grossense resolveram desfazer a parceria. Márcio foi jogar com o capixaba Fábio Luiz de Jesus Magalhães (2,04m nascido em 13 de março de 1979), enquanto Benjamin, após a pausa, iniciou uma parceria com o brasiliense Harley Marques.

“Eu passei muitos anos me preparando para as Olimpíadas de Atenas. Muitos anos nesse processo olímpico, foram anos de preparação, no processo de treinamento de preparação fo-

ram mais de dez anos. Então, foi um desafio muito grande para mim ter de reconstruir toda uma história traumática e muito sofrida, para ter o poder de transformação [...] isso foi muito importante na minha vida. Esse foi um momento de crescimento para mim”, complementa Márcio.

“Mas eu sou movido a desafios. Eu disse ‘eu vou me preparar para a Olimpíada, chegar lá e trazer uma medalha”, comenta Márcio sobre como a decepção serviu de motivação para um novo ciclo. Em 2005, Márcio convidou o capixaba Fábio Luiz para formar uma nova dupla. Dentro do mundo do voleibol, um jogador convidar o outro era o procedimento mais “ético”, garante Ronald, o que não evitou que Fábio Luiz também passasse por um interrogatório do técnico, tal como foi com Benjamin. “Eu lembro como se fosse hoje, que eu coloquei, numa folha de papel ofício, 22 itens para conversar com Fábio Luiz. Nós conversamos em um quarto de hotel no Rio de Janeiro, apresentei todas as propostas e perguntei: ‘você quer?’. Ele respondeu ‘eu quero’. ‘Vai se submeter?’. ‘Vou’. E se submeteu mesmo”, detalha Ronald.

Os primeiros resultados com Fábio Luiz vieram no primeiro ano da parceria. Juntos, o cearense e o capixaba subiram ao lugar mais alto do pódio no Circuito Brasileiro e Campeonato Mundial de 2005 — sendo este, um dos principais torneios da modalidade, organizado pela FIVB e realizado a cada dois anos (ao contrário do Circuito Mundial que tem uma edição por ano). Fábio Luiz ainda garantiu a marca de melhor bloqueador do circuito brasileiro, quatro vezes seguidas, entre 2005 e 2008; enquanto Márcio foi o melhor jogador do Circuito Banco do Brasil em 2005 — além de melhor levantamento do Circuito Mundial em 2006, 2007 e 2008; do Circuito Banco do Brasil em 2008 e melhor jogador defensivo do Circuito Mundial em 2005.

MAIS UM CICLO

Márcio e Fábio Luiz fizeram um bom ciclo olímpico entre Atenas 2004 e Pequim 2008, contudo, as decepções que chegavam apenas nas Olimpíadas começaram a se apresentar antes mesmo da classificação para os jogos na Capital chinesa. “Na véspera das Olimpíadas, nós tivemos uma baixa grande porque o Fábio Luiz foi ladeira abaixo em termos de autoestima. Nós começamos a perder jogo atrás de jogo”, relembra o técnico da dupla. Anterior à temporada pré-olímpica, Márcio e Fábio Luiz galgaram conquistas importantes, colocando 600 pontos de diferença para a dupla terceira colocada no ranking — o carioca Pedro Solberg e o brasiliense Harley — mas quanto mais se aproximava a definição, mais a dupla adversária chegava próxima à pontuação do cearense e do capixaba. Em maio de 2008, a diferença entre as duplas chegou a ser de 180 pontos. A diferença caiu ainda mais, quando em julho do mesmo ano, a distância era apenas de 100 pontos. Acima de ambas as duplas, Emanuel e Ricardo já estavam garantidos nos Jogos Olímpicos de 2008, com a missão de defender o título, pois foram campeões em Atenas.

Uma notícia do Globoesporte.com, publicada em 08/07/2008, destaca que a segunda vaga daquele ano seria decidida “aos 45 minutos do segundo tempo”, uma referência futebolística à reta final da disputa. No último torneio que contava pontos para a classificação olímpica, o Aberto de Marselha (na França), Pedro Solberg e Harley precisavam “vencer o torneio e torcer para que Márcio e Fábio Luiz não cheguem à decisão”, explica a notícia. À época, Márcio e Fábio ocupavam a segunda posição do ranking com 4.740 pontos, apenas 100 a mais que a dupla concorrente.

A pressão em ambas as duplas era grande, mas parecia ser ainda maior na parceria de Márcio. Os adversários se encontraram na terceira rodada do torneio: vitória de Pedro Solberg e Harley por 2 sets a 1, com uma boa vantagem no placar (21x14

e 21x12). Contudo, o cearense e o capixaba disputaram toda a repescagem e chegaram à semifinal do torneio, exatamente contra Harley e Pedro Solberg. “Esse jogo decidia quem ia para as Olimpíadas”, destaca Ronald. Ele revela uma preleção “maluca” que fez com Márcio e Fábio Luiz antes dessa partida. “Eu esculhambei os dois, chamei nome feio, falei que eles só jogavam por dinheiro, que eram dois maus-caracteres. Bem, eu usei da minha ‘psicologia maluca’ porque eu sou meio maluco mesmo”, comenta.

“Disse que a família deles estava torcendo, que o jogo ia passar no SporTV² direto para o Brasil todo — e passou mesmo; joguei mais responsabilidade nas costas deles, disse para o Fábio que ele jogasse pelos amigos, disse para o Márcio que ele jogasse pelos amigos, pela família, que dinheiro era consequência”, prossegue Ronald. “Os dois ficaram só de cabeça baixa, não levantaram a cabeça para nada, e eu falei ‘está vendo como vocês são covardes? Nem levantar a cabeça vocês tem coragem! Falem comigo! Me respondam!’, mas não tinha jeito. Os dois ficaram ali apáticos”, complementa. “Quando eles foram jogar, eu não dei uma instrução tática nem técnica. Eles foram jogar e erraram uma bola no jogo todo. Ganharam fácil”, finaliza. Assim, no dia 19 de julho de 2008, Márcio e Fábio deixaram a apatia e a fase ruim para trás, e conquistaram a segunda vaga brasileira para o voleibol de praia nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008.

24 duplas masculinas disputaram a edição de 2008 dos Jogos Olímpicos, na Arena Chao Yang Park, entre nove e 22 de agosto. Classificados, Márcio e Fábio deixaram dois pontos para trás: a pressão por se classificar e os péssimos resultados de uma dupla “cearense” no naipes masculino — a cearense Shelda Bedê foi finalista na edição de Atenas, formando dupla com a ca-

² Canal de televisão fechado, especializado em esporte, e pertencente ao Grupo Globo de comunicação.

rioca Adriana Behar. “Nós chegamos lá [Pequim]. obviamente, muito cansados. Mas foi muito fortalecedor para a gente, dentro da nossa cabeça, que quando chegasse no dia das Olimpíadas a gente estaria ‘inteiraço’, pensando só nas Olimpíadas. Quando a gente se classificou, a gente só queria desfrutar. Eu estava tão cansado, porque foi muito mais difícil se classificar do que jogar as Olimpíadas. Foi muito mais intenso”, comenta Márcio, sobre como a pressão anterior parecia mais perturbadora do que a presente.

Na temporada onde Márcio conquistou vaga para os Jogos Olímpicos de Pequim, Ronald revela que o time todo (atletas mais comissão técnica) recebia patrocínio da iniciativa privada, em um acordo com a Medley Farmacêutica, empresa de Campinas (SP). O então técnico da dupla revela que, mensalmente, a Medley repassava R\$ 50 mil para toda a equipe. Contudo, Ronald não detalhou por quanto tempo o patrocínio durou.

Porém, o patrocínio com altas cifras não era padrão na época. Em uma matéria assinada por Jane Barret, da Reuters — publicada no Estadão em 21 de agosto de 2008, um dia antes do fim das Olimpíadas de Pequim, o título estampava “Vôlei de praia é divertido, mas ainda luta por patrocínios”.

“Sol, areia e maiôs deveriam ter criado uma fila de patrocinadores, ainda mais quando o vôlei de praia passou a figurar como categoria olímpica a partir dos Jogos de Atlanta, em 1996. Mas a realidade é outra. A maioria dos atletas e organizadores do circuito ainda batalha para encontrar um meio de viver do esporte”, complementa a publicação.

“Quando você vai para uma olimpíada, você se encontra com muitas pessoas. Você vê os melhores atletas do planeta, as pessoas mais importantes dentro de uma competição. Então, uma hora você cruza com a [Maria] Sharapova (tenista), outra hora com o [Rafael] Nadal (tenista), de repente, você bate com o Michael Phelps (nadador), senta perto do [Usain] Bolt (velocista). Essa é a realidade daquele lugar, então, você não pode se vislumbrar, senão, fica para trás. É um momento de muita

euforia. Eu já estava na minha segunda olimpíada, o Emanuel na quarta, o Ricardo na terceira, e o Fábio estreando. Então eu tinha de mostrar para ele não se vislumbrar”, detalha Márcio.

A missão de impedir os delírios do companheiro deu tão certo que ambos chegaram a semifinal do campeonato. Agora, chegava um compromisso ainda mais árduo: derrotar os compatriotas, atuais campeões olímpicos antes de chegar à final. Ricardo e Emanuel eram os favoritos, seja “pelo jogo” ou pelo carinho da torcida. Ora, eram os atuais campeões olímpicos, que vinham de um ciclo inquestionável. Porém, Márcio não tem receio em revelar a tranquilidade com que ele encarava a situação. “Eu não estava nem um pouco preocupado com aquele jogo. Eu estava tão tranquilo, eu entrei na quadra tranquilo, ‘benzaço’, inteiro, jogando com calma, nenhum estresse, a cabeça boa. Isso foi muito importante eu conseguir encarar isso com muita leveza. O que é muito difícil”, revela.

A calma e determinação de Márcio ajudaram a concretizar o inesperado. Ele e Fábio, que estiveram ameaçados de sequer chegar a Pequim, venceram por 2 sets a 0 os atuais medalhistas de ouro. Era inegável a diferença de tratamento com as duplas até mesmo na imprensa. O trecho abaixo, retirado de uma notícia do site Gazeta do Povo, publicada em 20/08/2008, deixa óbvio o quão “inusitada” era considerada a situação:

— “Muitos atletas do Brasil em Pequim sempre evitam comentar quem é favorito a uma medalha, afirmando sempre que tudo pode acontecer em uma Olimpíada. E foi o que ocorreu nesta quarta-feira (20), quando os campeões olímpicos de vôlei de praia Ricardo e Emanuel foram derrotados pela dupla também brasileira Márcio Araújo e Fábio Luiz, que tinha se classificado aos atropelos para os Jogos deste ano.”, dizia a matéria.

Na final, dois dias depois, o cearense e o capixaba não conseguiram reprisar a tranquilidade e foco vistos na semifinal. Os adversários eram os estadunidenses Todd Rogers e Phil Da-

Fabio e Márcio 2008 após conquistar vaga para a final (Zimbio)



lhausser, campeões mundiais em 2007. Em momento inoportuno, o Fábio Luiz da temporada 2007-2008 pareceu ter retornado. O capixaba, que era responsável pela parte ofensiva da dupla, fez más escolhas durante o jogo — especialmente no tie break — insistindo em atacar para cima do bloqueio de Dalhausser. Os americanos, com todos os méritos de um finalista olímpico, não se fizeram de rogados e fecharam o set-desempate em 15x4.

O ouro não veio mas nem o mais otimista torcedor preveria aquela final nos meses que a antecederam. Do nono lugar à final olímpica. Assim, Márcio Araújo, que havia quebrado o paradigma entre Barra do Ceará e Volta da Jurema, quebrou também o jejum masculino de medalhas para atletas cearenses em Jogos Olímpicos. Tristeza? “De forma alguma. Só na hora mesmo”, tranquiliza Márcio. Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu vi o reconhecimento. [Dizem que] os brasileiros não valorizam muito a prata e nem o bronze, mas quando eu cheguei aqui eu vi o reconhecimento. Tinha carro de bombeiro me esperando, uma multidão no aeroporto [Pinto Martins]. Eu nunca tinha visto tanta gente, uns dez mil carros”, hiperboliza Márcio.

Em 21 de agosto de 2008, aquele homem com alma de menino, ex-sparring de outra dupla emblemática, consagrava ainda mais o voleibol cearense — e brasileiro — no mundo. A prata pendurada no peito em nada amargurava a ausência do ouro. O orgulho cearense transbordava em lágrimas de emoções variadas. Ali, Márcio recebia um título até hoje imbatível: o único homem do Ceará a conquistar uma medalha olímpica. A torcida é que, esse título, ele um dia perca.



TAIANA LIMA

Taiana e a família em 2017
(Arquivo Pessoal)



Taiana em 2013
(FIVB)



Taiana e Talita
(Internet-Divulgação)



Talita e Taiana
(Divulgação)

Fortaleza-Rio de Janeiro. Dois e três de novembro de 2019. O meu primeiro contato com Taiana foi por meio de uma rede social, quando eu a convidei para ser uma das personagens desse livro-reportagem. De pronto, ela aceitou. Logo, passou-me o contato de telefone para marcarmos uma data para nossa entrevista. Descobri que a relação entre a capital do Ceará e do Rio de Janeiro continuaria presente neste perfil, pois Taiana reside na capital fluminense junto com o marido e atual técnico, o candango Ricardo Moacir. Assim como no perfil anterior, nossa entrevista foi dividida em duas partes — além de inúmeras mensagens via aplicativo no celular — por conta da agenda atarefada da atleta. Mas ao contrário dos dois primeiros perfis desse livro, a entrevista teve de ser feita via ligação telefônica. Taiana continua jogando mas também está concluindo bacharelado em Educação Física, por isto o tempo dela é tão disputado quanto um rally nas areias. Devido à maior disponibilidade dela aos fins de semana, nós marcamos a primeira parte da entrevista para a manhã do sábado (dois) e a segunda para a tarde do domingo (três). Assim, começa o terceiro perfil deste livro-reportagem.

Talita e Taiana no Circuito Mundial de 2013
(Arquivo Pessoal)



Estudar e brincar “de bola” na rua é rotina comum da maioria das crianças em Fortaleza, e não foi diferente durante a infância de Taiana de Souza Lima, nascida em 27 de maio de 1984 na Cidade dos Funcionários, bairro de Fortaleza. Além das tarefas que Taiana trazia da escola para casa, brincar com uma bola na rua era outro dever — até mais satisfatório — também com bastante aprendizado. “Eu posso te falar que eu era uma amante de esportes (contínuo); todos os esportes. Eu lembro que jogava de tudo: futebol, vôlei, basquete, tudo que tinha bola. Sempre participava... Se eu não sabia, eu participava para aprender a jogar”, comenta Taiana.

A paixão pelo esporte e pela bola despertava certo receio nos pais de Taiana, revelou Cláudia Lima, mãe da atleta. Taiana queria “passar o dia todo na rua” e isso era motivo de discussão entre ambas. “Ela dizia ‘mãe, por que tu não deixa eu jogar? Por que?’. Mas eu ia e dizia: ‘não, mulher, é porque tu quer passar o dia todo na rua’”, relembrou Cláudia, que é comerciante e se preocupava com as atividades da filha. “Mas ela sempre foi louca por bola desde pequenininha, uns sete ou oito anos mais ou menos. Ela com os amigos, os filhos da vizinha, faziam da frente da casa da vizinha um campo de futebol. O portão era o gol, e ela era a goleira.”, complementa Cláudia.

Apesar da preocupação, Cláudia não impedia que a filha fizesse o que gostava. Tentava apenas balancear o tempo na rua com as obrigações mais formais — porém, a própria mãe revela que controlar essa balança não era uma tarefa árdua. “Mas a Taiana sempre foi muito boa, muito quieta, muito ‘na dela’, não era uma pessoa estressada. Nunca foi. A única coisa que ela fazia da vida dela era gostar de bola. Ela era muito estudiosa também... Sempre recebi muito elogio por ela ser comportada, por ser muito reservada”, destaca Cláudia.

Na década de 90, enquanto Franco e Roberto Lopes já eram atletas de destaque no cenário nacional e internacional do esporte — e Márcio Araújo dava os primeiros principais passos — Taiana ainda tinha a rua como o principal palco de suas façanhas. Aos nove anos, Taiana passou a “treinar voleibol [indo-

or] de maneira mais organizada”, como ela mesma coloca, no Colégio João Pontes, uma instituição que já não existe mais. Taiana comenta que a prática com os amigos na rua foi um dos fatores preponderantes que a levaram a treinar na escola. “A partir daí eu comecei a desenvolver de uma forma muito mais rápida do que as outras meninas, eu acho que é porque eu gostava muito mais, tinha muito mais amor por aquilo, aí foi crescendo”, explica a jogadora.

Os treinos e a dedicação na escola atraíram bons olhares para a atleta infantil. Em 1993, Taiana foi apresentada a Eurípedes Gurgel, à época — e até os dias atuais — treinador do voleibol feminino de quadra do BNB Clube, localizado no Meireles, bairro nobre da capital cearense. “Eu lembro até hoje. O time dele (Gurgel) treinava na quadra que eu tinha acabado de treinar. Aí nosso técnico falou pra ele que tinha duas meninas — a outra inclusive é minha irmã — e apresentou a gente pra ele. Só que minha irmã é quatro anos mais velha, mas ela não quis ficar no esporte, quis estudar. Eu continuei e comecei a treinar no colégio e no BNB. Comecei muito cedo”, destaca Taiana sobre mais um passo que executava na inicial carreira de atleta.

ELAS PONTUAM

Com o sucesso do voleibol de praia no naipe masculino, não surpreende que nomes femininos começaram a ganhar destaques em nível nacional e internacional também. Nos Jogos Olímpicos de 1996, as brasileiras dominaram os locais mais altos do pódio. Jacqueline Silva e Sandra Pires garantiram o ouro — em uma final contra as também brasileiras Adriana Samuel e Mônica Rodrigues.¹ Já na Olimpíada de Sydney em 2000, a medalha de ouro ficou com a dupla “da casa”, as australianas Natalie Cook e Kerri Ann Pottharst. A prata ficou com a dupla

1 Todas as quatro atletas citadas são oriundas do Rio de Janeiro.

brasileira Adriana Behar (RJ) e a cearense Shelda Bedê.

Shelda Bedê, inclusive, foi um dos principais nomes do voleibol feminino de praia entre o final dos anos 90 e começo dos anos 2000. Entre 1992 e 2004, Shelda foi campeã nacional oito vezes (junto com Adriana Behar), hexacampeã do Circuito Mundial da FIVB e bicampeã do Campeonato Mundial. Essa representatividade feminina (e cearense) serviu como base para inúmeras voleibolistas que se espelhavam em Shelda e outras jogadoras brasileiras. Uma dessas jovens atletas era Taiana Lima, que enxergava uma ídolo com aproximação de gênero e regionalidade.

Ter um cenário onde o voleibol de praia já era um esporte consagrado, e enxergar horizontes concretos com ídolos locais, facilitava o processo de aceitação daquele sonho como profissão. Mas ainda era comum o atleta de voleibol dar suas primeiras passadas no voleibol indoor. Após um ano treinando no BNB Clube, Taiana conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio Marista Cearense, e passou a dedicar a paixão — e a dedicação — pelo voleibol entre a escola e o clube. “No início, eu só jogava na quadra. Não tinha nem tempo, nem tinha descoberto o vôlei de praia. Eu comecei o vôlei de praia entre 15 e 16 anos, mas eu também jogava quadra. Eu fiquei fazendo isso até mais ou menos 20, 21 anos”, relembra a cearense.

“Eu treinava à tarde porque estudava de manhã. Entrava mais ou menos umas 14h/14h30. Eu jogava categorias como mirim e infantil. Passei um período curto treinando de 14h às 17h, 14h às 17h30, e depois comecei a ir para as categorias maiores. Aí comecei a entrar no clube às 18h da tarde e sair 20h da noite”, relembra Taiana. “Todo dia. Eu adorava fazer isso. Passei muitos anos fazendo isso. Estudava pela manhã e treinava à tarde e noite”, complementa a jogadora que já possuía uma rotina de treinos regrada mesmo nos primeiros anos da

pré-adolescência.

A cearense avalia que a agenda diária preenchida com escola e voleibol em dois turnos não atrapalhou em nenhum momento o proveito da infância e adolescência. “Pelo contrário. O vôlei contribuiu para o meu crescimento e desenvolvimento, principalmente nas relações interpessoais. Eu tinha muita dificuldade de me relacionar, de falar em público; e o voleibol, por ser algo que você tem que se comunicar, estar sempre falando... Eu fui melhorando e desenvolvendo isso”, considera Taiana.

NOVOS TALENTOS

No início deste século, a Confederação Brasileira de Voleibol abriu as portas de um projeto chamado “Novos Talentos” com o objetivo de promover e incrementar o voleibol de praia feminino do Brasil, focado em quatro pólos: Rio de Janeiro, Distrito Federal, Alagoas e Ceará. “Existia uma preocupação da CBV com a renovação do feminino. Porque o masculino é bem mais espontâneo; o homem, nesse aspecto, é bem mais livre, ele se joga, se aventura, vai de um estado para o outro. E resolveu abrir em quatro federações estaduais, a possibilidade de um centro de treinamento; e a gente foi escolhido para ser uma delas”, explica Zé Virgílio, presidente da Favece em 2000, época do início do projeto.

Virgílio indica um panorama da escolha de Fortaleza como um dos pólos do Novos Talentos. “Primeira pela tradição. Quando a gente viu a possibilidade do vôlei de praia se tornar grande no Ceará — e no Nordeste — a gente sabia que tinha uma diferença econômica para se investir na quadra e na praia: o vôlei de praia sempre foi mais barato por só serem duas jogadoras. E a gente sabia que tínhamos Sol o ano inteiro, praia o ano inteiro; na época não existia a necessidade de ter um biotipo tão alto; então começamos a investir no vôlei de praia, o que foi percebido pela CBV”, complementa.

A CBV demonstrou certa dificuldade em fornecer dados mais detalhados do projeto, e segue na íntegra todas as informações enviadas sobre o projeto:

“Sobre o projeto novos talentos, grande parte dos responsáveis já não está mais na CBV, mas segue o que conseguimos reunir de informações: ele foi criado 2000 e 2001, inicialmente no Distrito Federal, Alagoas, Rio de Janeiro e Ceará. As atletas moravam no centro de treinamento e tinham rotina diária de atividades com apoio de equipe multidisciplinar. Larissa e Juliana talvez sejam as atletas mais célebres a saírem desse projeto, sendo medalhistas olímpicas em 2012. Mas outros grandes nomes também foram lapidados no projeto, como Taiana, Naiana, Luciana, etc. Ronald Rocha era o treinador e comandou o projeto”.

Apesar da Confederação ter informado que Ronald Rocha (atual presidente da Fevce) era o treinador e comandante do projeto, Taiana (além de outras pessoas envolvidas no voleibol cearense) falou que foi Wesley Andrade quem comandou o projeto de maneira mais direta durante o primeiro ano de funcionamento. Ele explica que foi convidado por representantes da CBV para compor a parte técnica do projeto no Ceará, e acredita que os trabalhos que ele já realizava na Capital cearense foram pontos positivos que pesaram na decisão do órgão.

“Eu já trabalhava no voleibol de praia com a dupla Harley e Luizão, então eu acredito que isso já foi um ponto positivo para mim por eu já está envolvido no voleibol de praia. Mas assim, vindo tudo (o conhecimento) da quadra. Eu trabalhei no BNB, eu trabalhei no Batista por muitos anos. Eu era muito novo na época, dos técnicos eu era o mais novo mas já trabalhava na área. Então, acredito eu, que isso foi uma forma positivo de me escolherem como técnico”, explica Wesley que tem 45 anos e atualmente mora na Suécia.

Wesley aponta que Fortaleza foi escolhida como um dos pontos do Novos Talentos pois “ já estava à frente como um polo esportivo do voleibol de praia”. Ele lembra que “existiam três grandes pólos no Brasil que eram Rio, João Pessoa

e Fortaleza [...] na Beira Mar, são três quadras; em uma quadra treinavam Franco e Roberto; na quadra do meio, Harley e Luizão; e na outra Márcio e Benjamin. Esses eram os três primeiros times do Brasil. Então, Fortaleza tinha os três melhores times do Brasil”, complementa.

O projeto Novos Talentos começou em Fortaleza pagando mensalmente técnico, preparador físico e fornecendo uma ajuda de custo a quatro atletas, que foram selecionadas em uma peneira feita pela própria CBV na Capital. Wesley lembra que Taiana não foi uma das atletas selecionadas, mas que por iniciativa dele — em acordo com as atletas — o projeto em Fortaleza chegou a ter oito atletas, sendo quatro de maneira voluntária, e Taiana era uma das jogadoras dentro dessa situação.

“Eu acho muito complicado você julgar e avaliar uma pessoa durante uma hora e depois sair uma coisa definitiva para um plano muito longo. Mas foi assim que foi feito. A Taiana foi uma pessoa que eu deixei no projeto porque eu já conhecia ela desde os nove anos. Ela sempre foi aguerrida e teve personalidade muito forte. Então ela ficou e acreditou no potencial dela e as coisas foram andando”, complementa Wesley.

Taiana já era uma jovem atleta inserida no mundo do voleibol de quadra por conta dos treinos e jogos representando o Colégio Marista e o BNB Clube, por isto foi incentivada a participar da peneira de seleção do projeto Novos Talentos — o qual ela não foi selecionada como uma das bolsistas do programa mas recebeu a oportunidade de fazer parte de maneira voluntária. A cearense considera que este foi o contato mais significativo com a modalidade disputada nas areias e o passo fundamental dentro da carreira de jogadora de voleibol de praia. “Eu nunca tinha tido contato de jogar mesmo, mas já tinha ouvido falar. Foi a partir do projeto que eu dei o pontapé inicial na praia. Eu era a mais nova do projeto. Foi a partir

dali que comecei a fazer a transição da quadra para a praia”, comenta Taiana.

Os treinos do Novos Talentos aconteciam na tradicional Volta da Jurema. O projeto em Fortaleza revelou jogadoras a nível mundial e olímpico como Juliana e Larissa, uma das duplas mais vitoriosas do voleibol de praia mundial — Juliana, que é natural de Santos (SP) inclusive, federou-se à Favece e ainda reside em Fortaleza. Por morar na Capital cearense e ter uma atleta federada pelo estado, a dupla Juliana e Larissa ficou nacionalmente conhecida como uma representante cearense. Juntas, elas conseguiram títulos como medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Londres 2012; ouro no Campeonato Mundial de Roma em 2011; e foram bicampeãs dos Jogos Panamericanos e heptacampeãs do Circuito Mundial.²

DA QUADRA À PRAIA

Com os treinos no Novos Talentos, Taiana iniciou a transição de jogadora da quadra para a praia. Além de ir à escola para completar o ensino médio no turno da manhã, ela treinava à tarde na areia e à noite no clube. Mas essa programação foi se alterando gradualmente. “Depois eu fui aumentando o tempo da praia e diminuindo o tempo da quadra. Porque na praia eu vislumbrei uma possibilidade maior de me tornar uma jogadora de nível internacional, e na quadra eu não tive essa oportunidade. Aí eu fui dando muito mais ênfase ao treinamento na praia. Lógico, sem atrapalhar meus estudos e fui treinando”, relembra a cearense.

“No início, eu fazia o esporte por amor. Sempre gostei muito. Então, eu entrava, vivia o momento, tentava fazer o meu melhor. Com o passar do tempo, fui aprendendo, evoluindo e queria jogar o vôlei de quadra profissional, mas ao mesmo tempo, eu não botava isso como principal projeto de vida. Eu

² Juliana ainda foi campeã do mesmo torneio em 2014 mas em parceria com Maria Elisa (RJ).



Taiana e Virna em 2010
(Arquivo Pessoal)

fui vivendo, aproveitando, e a vida me levou para a praia. As coisas aconteceram e eu fui caminhando junto com os acontecimentos. À medida que as coisas foram acontecendo pelo meu trabalho, pela minha dedicação, fui acreditando sim que eu poderia me tornar uma jogadora internacional, que poderia conquistar títulos importantes. Mas isso foi construído ano a ano, desde a quadra à areia”, revela Taiana.

A decisão de se tornar exclusivamente atleta do voleibol de praia começou a dar frutos muito cedo. “Eu ganhei dois mundiais, foi aí que comecei a me dedicar mais à praia, porque eu vi que tinha jeito, tinha futuro, e poderia desenvolver muito mais. Foi aí que comecei a treinar com mais ênfase na praia”, explica Taiana. A cearense foi campeã mundial sub-21 duas vezes: em 2002, na Itália, quando fez dupla com Juliana; e em 2004, em Portugal, quando foi dupla de Carol Solberg, irmã do também jogador de vôlei de praia, Pedro Solberg (RJ).

“Eu não deixava de fazer nada mas ao mesmo tempo eu fazia aquilo tudo com muita dedicação e amor. Acho que por isso as coisas aconteceram para mim, e eu fui acompanhando, aproveitando as oportunidades. Daí a vida me levou para a areia. Sou muito apaixonada pela quadra também, mas eu sou apaixonada também pela areia. Não é que eu tenha ido para areia porque não consegui nada na quadra, eu fui para a areia porque me apaixonei pelo esporte”, complementa a cearense.

“Pô, foi muito legal fazer parte daquele projeto. Foi ali que eu vi que poderia me tornar uma jogadora de expressão, mas sabia que o caminho era muito longo. Como todo projeto, ele te ajuda no início mas depois você tem que caminhar com suas próprias pernas, e esse é o grande desafio do nosso esporte. É um esporte que você tem que ter muita perseverança, muita determinação, porque é desgastante demais. Mas ao mesmo tempo para mim era muito prazeroso a busca pela evolução”,

relembra Taiana.

Gurgel, ex-técnico de Taiana na quadra e ainda representante do vôlei feminino no BNB Clube, revela que o processo de transferência das atletas do indoor para a praia é difícil de encarar mas ele apóia a escolha das atletas. “Eu não tenho nenhuma estrutura para ajudar a atleta depois que termina o Ensino Médio. Então o que é que acontecia? É uma coisa meio a contragosto, mas eu tinha que entender que era o futuro delas, que era o mais importante. Esse ano já vai começar um novo processo, um grupo termina o ensino médio aí se espalha pelas suas faculdades e o clube não tem condições de arcar com nada”, complementa.

Ele revela ainda que tanto na época da mudança da Taiana quanto hoje as duas modalidades ainda disputam bastante o material humano disponível. “Ainda hoje compete. A maioria das atletas de voleibol do Ceará, de qualquer coisa que você imaginar, saem daqui do BNB. Mas ‘não se pode amar a dois senhores’, certo?! Isso está na Bíblia. Ou você vai aborrecer a um ou ao outro. Então eu não chamo ninguém de lá (praia), mas você também deixa a gente quieto aqui. Porque se acabar o BNB, acaba o voleibol do estado. Daqui saem atletas para as universidades e para a praia... Mas a gente vai contornando a situação e vai levando. Eu não obrigo nada, são elas quem escolhem”, finaliza Gurgel.

O projeto Novos Talentos da CBV durou, mais ou menos, dois anos em Fortaleza. Zé Virgílio, diretor de vôlei de praia da CBV, rememora os fatores que levaram o programa ao fim. “O que aconteceu depois: essas atletas que estavam no projeto foram começando a se destacar e não foi abrindo peças de reposição porque a CBV não investiu mais. A gente tinha uma parceria onde a FCV ficava com toda a parte de espaço, material esportivo, academia etc e a CBV bancava os profissionais, pagava o técnico, o preparador físico e dava uma ajuda de custo aos atletas. Quando a CBV tirou essa ajuda, aí ficou difícil de continuar”, explica o ex-presidente da Favece.

Wesley também aponta um desgaste gradual e a dificulda-

de comunicacional como motivos da extinção do projeto. “É que hoje em dia é muito fácil, por exemplo, estar conversando contigo aqui pela internet mas, antes, o cara fazer uma ligação para CBV era um sacrifício, não era tão fácil a comunicação em relação a muita coisa. Então pelo fato do Brasil ser muito grande e às vezes os técnicos não tentarem se aproximar ao máximo possível da CBV... Então acredito que isso foi uma razão para eles começarem a pensar ‘eu não vou jogar tanto dinheiro por aí e não estar tendo o retorno que teria’ — que eles achavam que não teria, mas teve; porque saíram várias atletas olímpicas. Mas a paciência é muito pouca como sempre, né?!”, complementa.

DEDICAÇÃO E APOIO

Apesar do sucesso de Franco, Roberto Lopes, Márcio Araújo, Shelda etc., decidir ser jogadora de voleibol de praia, à época de Taiana, implicava tarefas árduas que expandiam para além das areias. Conseguir uma dupla, um treinador, patrocínio, um local para treinar e torneios para disputar ainda se colocavam como pontos a ser conquistados para uma atleta iniciante.

Porém, Taiana tinha uma dupla fora de quadra que foi fundamental para o prosseguimento da carreira: os pais³. “Muitas vezes meu pai pagou minhas passagens para jogar os torneios. Eu sempre tive apoio deles. Eles sempre me apoiaram no início. No começo, eles começavam o dia me deixando no colégio, e fechavam o dia me buscando onde quer que eu estivesse (ou na academia, ou na praia, ou de volta no colégio por conta dos treinos da quadra). Aí eu conseguia me virar também”, comenta.

Além dos pais, Taiana revelou que tinha apoio do presidente da federação cearense à época também. “O Zé Virgílio, presidente da Federação, também me dava um apoio, um suporte naquela época. Muitas vezes fui almoçar na casa dele porque ele morava muito perto da praia. Ele deu um suporte muito

bom pra gente (era eu e a Juliana na época). Ele apoiou muito, sempre tentava ajudar. Sou muito grata. Ele fez parte da minha construção como atleta e profissional”, reconhece Taiana.

Apesar do apoio fora das quadras, conseguir disputar torneios em Fortaleza era tarefa complicada pois a oferta dos campeonatos não era tão corriqueira. De acordo com informações repassadas pela CBV, entre 2000 e 2010, Fortaleza sediou uma etapa (com os ambos os naipes) do Circuito Brasileiro nove vezes. Os únicos anos em que a capital cearense não foi um dos pólos do campeonato foram 2004 e 2007. O órgão não explicou a razão da ausência nesses anos. Mesmo com o circuito brasileiro acontecendo quase todos os anos em Fortaleza, uma etapa não era suficiente para uma atleta de nível nacional.

“A praia sempre foi carente de torneios [locais] porque o número de participantes não era tão grande. Acho que eu joguei muito mais campeonatos fora do que em Fortaleza. Até posso ter jogado algum torneio mas nada de grande quantidade. Quando eu comecei a competir, foi na base. Fui campeã brasileira sub21; e depois comecei a jogar os qualificyings do Circuito Brasileiro. Foi aí que eu comecei a competir de verdade. Eu jogava mais as etapas do Nordeste porque dava pra chegar de ônibus. Foi assim que consegui jogar mais torneios”, relembra Taiana.

A mãe de Taiana também rememora o período em que a filha precisava de apoio emocional e financeiro. “Você sabe como é pai e mãe, né?! A gente dava o ‘jeito brasileiro’. Nunca tivemos muito dinheiro mas ela nunca deixou de ir, para onde tinha de ir, porque não tinha passagem ou dinheiro. A gente sempre juntava o que tinha para pagar as passagens dela. Foi sempre assim. A gente sempre deu muita força a ela”, destaca Cláudia.

O próprio dinheiro, para Taiana, começou a surgir como fruto dos campeonatos que ela disputava fora de Fortaleza. “Quando eu comecei a jogar o Circuito Nacional e a passar dos qualificyings, eu recebia uma premiação. Então, sobre aquele dinheiro, minha mãe dizia ‘guarda para quando você precisar para as viagens, para se manter’. Foi sempre com o intuito de investir. Quando eu comecei, nunca tive patrocínio. Sempre

3 Neste livro-reportagem conversamos apenas com a mãe de Taiana, pois o pai da atleta afirmou, em ligação telefônica, que “a mãe dela explicaria tudo melhor”.

foram meus pais”, complementa.

Taiana também afirmou que não jogou muito as etapas qualificatórias, que logo entrou no ranking; e que, à época, os atletas rankeados recebiam um benefício de passagens para o deslocamento, o que já ajudava nos custos.

Para a cearense, a questão financeira ainda é um complicador até mesmo para novos atletas. “Até hoje para se tornar um jogador, rodar os circuitos, a nível nacional e internacional, tem a questão financeira. Foi meu maior desafio. Depois de um tempo, para rodar o Circuito Nacional inteiro, eu tinha que ir para o Sudeste, de avião, muitas vezes meus pais compravam passagem; minha mãe pedia ajuda a quem pudesse. Quando eu conseguia ganhar dinheiro, eu comprava a passagem para a etapa seguinte; ganhando e investindo”, revela.

Ela ainda demonstra gratidão muito grande ao apoio que encontrou com os pais e com a federação, em uma época incerta, onde ela jogava uma etapa sem saber se conseguiria jogar a seguinte. “O maior desafio que eu considero, não só naquela época, como hoje em dia, é a questão financeira. É tudo muito caro, e para você ser atleta o investimento é muito alto. É muita coisa envolvida: você tem que ter técnico, preparador físico, fisioterapeuta, terapeuta. No início, era só na garra mesmo. Treinava, jogava, treinava, jogava... Mas depois a gente viu que precisava de outros profissionais para melhorar”, complementa Taiana.

Outro desafio para um atleta em início de carreira é começar a dar os próprios passos, em busca de emancipação financeira e profissional. E uma das etapas dentro desse processo é conseguir um técnico compatível com a filosofia, ideologia e interesses da jogadora. Com o projeto Novos Talentos caminhando para o encerramento, Taiana precisava — cada vez mais — aprender a se virar por conta própria, mas para isso, a rede de contatos dentro do voleibol foi fundamental.

“Eu treinei com muitas pessoas: um período muito curto com o Ronald; o próprio Gurgel me deu um treino rápido na praia; e depois treinei um período maior com o Ricardo Moacir, que hoje é meu preparador físico e meu marido. Mas naquela época, ele treinava outras jogadoras. E aí, naquela época eu pedi para fazer parte do grupo que ele treinava e ele me aceitou. Aí treinei com ele por alguns anos. Na verdade, ele foi meu último técnico antes de vir pro Rio. Só que antes de eu vir pro Rio, ele já tinha se tornado meu namorado [quando eu tinha uns 22 anos]”, explica Taiana sobre os profissionais que a tutelaram após o fim do Novos Talentos.

“No mundo do vôlei todo mundo se conhece. Eu era amiga da Izabel, da Luisa Amelia⁴, e perguntava com quem elas treinavam. Aí, um grande amigo meu, Hevaldo (jogador também), na época, falou com o Ricardo, perguntando se ele podia me treinar. Até então, eu tinha feito alguns treinos com ele, mas para fazer parte da equipe mesmo, eu fiquei com vergonha de pedir. Aí o Hevaldo foi saber, perguntou se ele poderia, ele [Ricardo] respondeu que ia perguntar às outras meninas que ele dava treino, aí depois de não ter problema nenhum, comecei a treinar com o Ricardo”, relembra Taiana.

O técnico de Taiana, Ricardo Moacir, também relembra os primeiros contatos antes de formular a parceria. Ele confirma que já tinha experiência no esporte pois treinava um grupo de atletas (Luiza Amélia, Izabel, Érica etc.). “Eram quatro ou cinco atletas na época e a Taiana ficou sem centro de treinamento não sei porque, não me lembro, e ela não tinha onde treinar. E quem fez o contato dela comigo foi o Hevaldo, um atleta cearense, também do vôlei de praia. Ele chegou até mim e falou: ‘pô, Ricardo, a Taiana tá sem técnico, sem centro de treinamento. Será que você não poderia dar uma força pra ela? E aí eu sentei com as atletas, conversei com elas e aí aceitaram a Taiana no centro de treinamento, todo mundo, e aí a coisa se enquadrou até hoje”, complementa Ricardo.

4 Outras jogadoras de vôlei de praia de Fortaleza.

No final dos anos 2000, a Volta da Jurema seguia como o principal palco do vôlei de praia no Ceará mas outras opções de locais para treino já apareciam no radar das duplas e comissões técnicas. Taiana revela que o treino dela com Moacir acontecia na Universidade de Fortaleza (Unifor), a maior instituição de ensino superior privada do estado. “Eu fiquei pouco tempo na Volta da Jurema. Na verdade, fiquei só o tempo do projeto. E depois já fui treinar com ele [Ricardo] na Unifor”, complementa.

“O que acontecia era o seguinte: na Volta, sempre treinaram os times que na época eram os times tops. Tinha Franco com Roberto, Márcio com Benjamin... Então a Volta ficou muito em evidência por causa dessas duplas. Nunca deixou de ter dupla top, o Hevaldo treina na Volta até hoje, se não me engano. Então a Volta mesmo era uma experiência de Fortaleza mas tinha sim outros pólos”, reforça Ricardo.

“Eu cheguei a trabalhar durante um ano em um quartel da Aeronáutica que era lá perto da rodoviária, tem uma quadra de vôlei lá e a gente conseguiu. Eu fiquei um ano e pouco lá. Na época, não era com a Taiana. A Unifor sempre me apoiou muito, eu fiquei muito tempo na Unifor, eu nunca dei treino mesmo de voleibol na Volta, fazia parte física de alguns atletas, mas treino mesmo, eu nunca trabalhei na Volta. E a Volta ficou um símbolo de Fortaleza por causa dessas duplas, mas na realidade sempre teve vários pólos, mas a evidência é porque as melhores duplas do país treinavam ali”, complementa o atual técnico e marido da cearense.

Taiana formou-se no Ensino Médio em 2001, e depois continuou tentando a vida de atleta profissional. “Fiquei até 2004 só jogando vôlei. Minha mãe deixou. Mas chegou um momento que ela falou ‘não, agora você vai ter que estudar’. Aí eu entrei na FIC [Faculdade Integrada do Ceará] — que hoje é Estácio — prestei vestibular e entrei para Educação Física. Aí eu fiquei estudando à noite, treinava a manhã toda (academia e areia)”, complementa. A cearense revela que essa foi a rotina dela durante os anos que se seguiram, até 2008, quando ela foi morar no Rio de Janeiro. Ela revela também que não chegou a se

formar à época por conta da rotina do voleibol, mas pretende conquistar o diploma de educadora física em breve.

VIAGEM PRO RIO

Ricardo Moacir é natural de Brasília (DF) mas mudou-se para o Ceará em 1997. Educador físico, ele não veio a solo alencarino por conta do vôlei de praia, mas a modalidade se apresentou como uma grata possibilidade. “O esporte aqui é estourado. Na época com Franco e Roberto, Shelda e Behar, Márcio e Benjamin, várias duplas. Tinha duplas muito fortes”, destaca Ricardo.

“Eu comecei com atletas que jogavam no Qualifying, então na época me deixavam um pouco de lado, no meu cantinho trabalhando, não chamava nunca a atenção. Quando algumas atletas [minhas] começaram a entrar no ranking, a se destacar, aí as pessoas já me conheciam, eu não tive muito problema quanto a isso. Fortaleza sempre foi um local que abraçou o vôlei de praia, eu tenho bons amigos aí. Pessoal que é técnico, preparador físico, eu conheço muita gente, sempre me dei muito bem”, relembra o educador físico.

Mesmo com o bom cenário comentado por Ricardo, agarrar uma oportunidade de experiência no Sudeste do Brasil é uma meta de muitos atletas, quase que independente do esporte praticado. Não foi diferente com Taiana. “Eu fui chamada para fazer parte de um projeto no Rio e aí resolvi aceitar. Já que em Fortaleza eu estava com poucas possibilidades e queria crescer na profissão. Então era uma forma de eu ter patrocínio, uma estrutura. Eu vim para um pólo muito importante que é o Rio de Janeiro para me aventurar. Estou aqui há 14 anos (risos)”, comenta a atleta que partiu de Fortaleza ao estado fluminense como uma experiência, mas que perdura até hoje.

Taiana foi convidada, em 2008, para um projeto onde o principal nome era a potiguara Virna Dias, ex-jogadora de vôlei da seleção brasileira. Virna, que já era consagrada no indoor, estava se aventurando no voleibol de praia nos anos finais da

carreira. Além da potiguara, outras quatro atletas faziam parte do projeto: Ágatha Rippel (PR), Shaylyn Bedê⁵ (CE), Elize Maia (RJ), e ngela Lavalle (DF). O convite veio por meio de Carlos Frederico Galletti, mais conhecido como “Alemão” no mundo do vôlei de praia, que estava a frente do projeto à época.

“Estavam precisando de alguém para jogar com a Elize. Ele me ligou e perguntou se eu queria jogar. Eu ia ter um patrocínio que era o BB Seguro Vida Mulher, ia ter um salário, e todas as despesas de viagens, hospedagem e alimentação pagas pelo patrocínio. E aí eu vi uma oportunidade de sair de casa, crescer não só no esporte mas como pessoa — porque eu tinha que me virar sozinha”, relembra Taiana.

“Meus pais me deram a maior força; eu saí de casa com uma mala grande e uma pequena, indo para o Rio de Janeiro. No início, eu fiquei no apartamento do Alemão — ele cedeu durante três meses — enquanto eu achava um local para morar; depois que eu achei, o Ricardo foi morar comigo. E desde então eu estou no Rio de Janeiro. Cheguei com duas malas e hoje construí uma vida aqui, conquistei muitas coisas. Quando eu morava com meus pais, eu não tinha muito trabalho. Morar com os pais é muito bom, né?!”, complementa.

Apesar do apoio, a mãe de Taiana não nega o impacto emocional que teve ao ver a filha de 20 e poucos anos saindo de casa para ir morar a mais de 2.500 quilômetros de distância. “Ah, todo mundo chorou. Eu, as irmãs dela, o pai dela, deixando ela no aeroporto, todo mundo chorando. Mas sempre dizendo ‘você vai para longe, mas a gente está com você em qualquer situação. Quando você precisar, você liga’. Muitas vezes ela ligava desanimada e dizia ‘mãe, eu acho que vou voltar’. Aí eu dizia para ela ‘a casa está aqui, é sua, às suas ordens. Mas se for o seu sonho, não desista’ [...] continuou a mesma coisa, mesmo distante, a gente sempre acompanhando ela”, declarou Claudia.

A experiência de morar no Rio de Janeiro chegou na vida de

Taiana para aprimorar as técnicas também fora da areia. “A gente tem que aprender a se virar; eu comecei a aprender a cozinhar, coisas que eu não precisava fazer; foi muito bom para a minha vida, principalmente pelo meu crescimento como pessoa. Eu recebia um salário do patrocínio, que não era muito para viver no Rio de Janeiro, então, eu tive que aprender a economizar, cozinhar, tive que pagar conta, aprender mesmo a ter responsabilidade de morar sozinho; me fez amadurecer muito. Mas eu agradeço a Deus até hoje por ter acontecido isso, porque eu tive que enfrentar a vida, sem titubear, sem ter medo”, garante.

Ela revela que teve de enfrentar também a diferença de cultura, de custo de vida, e o receio por conta do estigma construído socialmente que o Rio de Janeiro é uma cidade que sofre com problemas de segurança pública — o que é inegável. “Mas nunca, graças a Deus, aconteceu nada comigo”, agradece a cearense.

A mudança de estado (onde ela reside até esta publicação) deu um novo horizonte para Taiana. A possibilidade de fazer parte de mais um projeto com jovens jogadoras, aprender com uma nova equipe e se espelhar em uma jogadora já consagrada foram uma faculdade para a cearense. Taiana formou dupla com Elize Maia por dois anos, depois saiu do projeto, e fez uma rápida parceria com Virna. “Eu joguei com a Virna seis meses porque ela engravidou e depois parou de jogar”, comenta.

A potiguara era o nome do projeto, então o programa não seguiria sem a atuação dela. Porém, como os contratos firmados eram anuais, os responsáveis seguiram com atividades até o fim dos contratos. Após sair do projeto, na dupla com a Virna, Taiana treinava sob tutela de Pompilho Mercadante — técnico que seguiu com ela após o fim da dupla com Virna — e também com a preparação física de Ricardo Moacir.

As experiências que Taiana decidiu encarar deram frutos importantes e reconhecimentos honrosos, como por exemplo, ser

5 Shaylyn é irmã mais nova da medalhista olímpica Shelda Bedê, ambas de Fortaleza.

eleita a jogadora com melhor defesa do Circuito Banco do Brasil nas temporadas 2011, 2012/2013 e 2013/2014. Além do importante título de “jogadora que mais evoluiu” no Circuito Mundial da FIVB de 2010, quando jogou ao lado de Vivian Cunha (PA).

Contudo, durante a carreira de atleta, Taiana sofreu com um fenômeno que nem sempre ela pôde controlar: a constante troca de duplas. Os bastidores detalhados que levaram esse fenômeno corriqueiro não foram explicitados, mas a cearense resumiu a seguinte sequência dos fatos:

1. Taiana jogou um ano e meio com Vivian, que se machucou e teve de pausar a carreira durante um tempo;

2. Então, em 2013, a cearense foi jogar com Talita Antunes (MS) — na primeira vez que ambas jogaram juntas — com quem também passou um ano e meio, conseguindo o título de campeãs do Circuito Mundial de 2013, mesmo ano em que Taiana foi eleita “Personalidade do Ano do Circuito Mundial” pela FIVB; mas a dupla separou após Talita decidir jogar com Larissa;

3. Taiana decidiu então ir jogar com a Fernanda Berti (SP), formado uma parceria que também durou por volta de um ano e meio, mas a paulista precisou passar por uma cirurgia no ombro, o que a fez ficar sem jogar;

4. Essa cirurgia de Fernanda ocasionou na formação da dupla entre Taiana e Juliana — pois ambas moravam no Rio — que durou por um ano, até que Juliana decidiu voltar para Fortaleza, mudança que não estava nos planos de Taiana;

5. Então, a cearense retomou a dupla com Elize Maia, em uma parceria que também não durou muito: um ano;

6. Logo após, ela tentou uma parceria com Carol Horta (CE), mas a cearense morava em Fortaleza, e Taiana buscava uma dupla com quem pudesse treinar lado a lado. A tentativa durou

por volta de cinco meses;

7. Depois, ela jogou com “algumas atletas” — como ela mesma preferiu resumir — até que no fim de 2017, Taiana conversou com Talita e as duas decidiram retomar a dupla que durou até 2019;

Em 2013, Talita/Taiana se colocavam como uma forte dupla dentro do ciclo olímpico para as Olimpíadas do Rio 2016, mas que no fim das contas, Talita optou por jogar com Larissa⁶. Depois disso, no retorno da dupla, em 2017, elas novamente colocaram a corrida olímpica como meta, mas acabaram superadas pela também cearense Rebecca Silva, parceira da mineira Ana Patrícia; a outra vaga ficou com a dupla Ágatha e Duda (SE).

“Ela [Talita] estava voltando de gravidez, e aí ela não sabia se ia voltar nas condições físicas ideais, mas eu aceitei a situação e a gente foi treinando. Se a gente tivesse tido mais tempo de treino, poderia ter engrenado um pouco mais; demorou um pouquinho, as outras duplas já estavam jogando há muito tempo”, avalia Taiana.

Entre 2019 e 2020, Taiana encerrou a parceria com Talita — que foi novamente jogar com Larissa — e retomou a dupla com Fernanda Berti. Mas a parceria encerrou após meses e a cearense engatou em uma dupla com a ex-jogadora de vôlei de quadra e bicampeã olímpica, Paula Pequeno.

FANTASMA NA CARREIRA

Decidir jogar voleibol de praia no Ceará é entrar em um mundo cheio de grandes exemplos. Franco, Roberto Lopes, Shelda, Márcio, Juliana, Larissa e por aí vai... Quando um atleta cearense se destaca nacional e internacionalmente é inevitável que surjam os questionamentos de “temos um novo Márcio?”, “temos uma nova Shelda?”. E dentro dessas questões,

⁶ A outra dupla feminina a representar o Brasil nessa edição dos Jogos Olímpicos foi Ágatha e Bárbara Seixas.

uma palavra se apresenta de maneira inevitável: Olimpíadas.

Em Londres 2012, o Brasil foi representado no voleibol de praia pelas duplas Juliana/Larissa (que conquistaram o bronze), Talita/Maria Elisa, Pedro Cunha/Ricardo e Alison/Emanuel (que ficaram com a prata). Já na Olimpíada da Rio 2016, as duplas brasileiras foram Ágatha/Bárbara Seixas (prata), Talita/Larissa, Pedro Solberg/Evandro e Alison/Bruno Schmidt (ouro).

Para os Jogos Olímpicos de Tóquio, as duplas brasileiras classificadas foram Ana Patrícia/Rebecca, Ágatha/Duda, Bruno Schmidt/Evandro e Alison/Álvaro. A cearense Taiana não conseguiu disputar nenhuma edição dos Jogos Olímpicos e não esconde a frustração. “Meu objetivo sempre foi participar, então é lógico que eu fico chateada de até hoje não ter conseguido, mas eu também tenho a clareza e o discernimento de entender porque não aconteceu”, comenta.

“Em 2013, eu fiz uma parceria com a Talita e o objetivo era jogar as Olimpíadas [de 2016], e ela achou melhor jogar com a Larissa. Meu objetivo sempre foi formar times com essa meta. E aí, quando ela resolveu jogar com a Larissa, eu chamei a Fernanda, mas tive um curto espaço de tempo. A Fernanda estava chegando na areia, mas mesmo assim eu deposei todo meu empenho, meu trabalho e a forma como eu achava que tinha de ser. E fiz a corrida olímpica com ela; a gente não conseguiu mas fomos super bem enquanto dupla. E eu pensei ‘ah, vamos para o próximo [ciclo]’”, complementa.

Taiana corrobora com a máxima presente no voleibol que ir para uma Olimpíadas não é só questão de querer. “Você precisa casar muitas situações. Você tem que ter uma parceira fixa, um planejamento, uma equipe estruturada... Você não vai para as Olimpíadas simplesmente porque abre a boca dizendo que vai. Depois, quando eu formei dupla com a Elize, o objetivo era fazer os quatro anos juntas, mas no meio do caminho, ela se machucou. E a gente começou a ter problemas de objetivos, ela tinha outros pensamentos, diferentes dos meus; eu sempre achei que para os Jogos Olímpicos todo mundo tinha que ter um pensamento uniforme e trabalhar em torno disso”, explica Taiana.



Elize Maia e Taiana no Mundial 2017
(Divulgação)

“Mas eu não tenho arrependimento. Na verdade, eu trabalhei e fiz tudo o que podia, em todos os momentos. Eu poderia não ter uma parceira fixa da forma como eu queria, mas eu tinha um fisioterapeuta, uma nutricionista, um terapeuta, um fisiologista, um preparador físico, um técnico... Eu tinha toda uma equipe multidisciplinar para estar muito bem preparada em todas as situações. Infelizmente, não tive tempo de ter uma parceira para fazer um trabalho visando isso”, larense.

A falta de participação nos Jogos Olímpicos ficará como um fantasma na carreira da atleta que revelou não ter pretensão de jogar “até os 40 anos”. A cearense que caminha para a aposentadoria das areias, pretende conquistar o bacharelado em Educação Física, e seguir dentro do esporte.



REBECCA SILVA



Reis, Ana Patrícia, Rebecca e Oliveira em 2019
(Arquivo Pessoal)



Ana Patrícia e Rebecca em 2019
(CBV)



Rebecca e Carol Horta em 2015
(Arquivo Pessoal)



Rebecca e a filha Isabella em 2019
(Arquivo Pessoal)

Fortaleza. Vinte e dois de julho de 2020. Depois de algumas tentativas, eu e Rebecca conseguimos acertar um dia e horário para a entrevista. Apesar de ambos estarem em Fortaleza, optamos por conversar por ligação telefônica, tanto pela praticidade, quanto pelas regras de biossegurança adotadas durante a pandemia de coronavírus que ainda preocupava o Ceará. Entre treinar, ser esposa, mãe, filha e amiga, Rebecca separa algumas horas da quarta-feira para dar início a mais um momento onde ela é protagonista, agora nas páginas desse livro-reportagem. Rebecca tem muitas alcunhas: mãe da Isabella, esposa do Evandro, filha da Ivonete, atleta do Reis, dupla da Ana Patrícia etc. Porém, durante a entrevista, Rebecca foi simplesmente ela própria. Já era noite quando comecei a fazer os diversos questionamentos que estampam as próximas páginas, e apesar de um dia cheio de afazeres, Rebecca foi atenciosa e, em vários momentos, descontraída. O quarto perfil deste livro-reportagem traz, talvez, a história mais difícil de ser contada, porque na vida de Rebecca — especialmente dentro do voleibol — ainda há muitos capítulos a ser escritos.

Rebecca e Lili em 2016
(Mauricio Kaye-CBV)



Rebecca Cavalcante Barbosa da Silva é um dos quatro nomes femininos que vai representar o Brasil no voleibol de praia dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021. Contudo, essa história tem início a alguns anos atrás — 27, para ser mais preciso. Em 24 de abril de 1994, Vagner e Ivonete Barbosa se tornavam pais da cearense que conquistaria as areias do vôlei de praia. Eles, que são grandes amantes do voleibol, ainda não imaginavam que aquela menina que nascia em Fortaleza despontaria por todas as partes do mundo.

Rebecca morava com os pais na Rua Conselheiro Lafayette, no bairro Jardim Iracema, periferia da capital cearense. O voleibol entrou na vida dela desde muito cedo porque os pais são amantes, praticantes e apoiadores do esporte. Perguntada sobre quem ela era antes do vôlei, Rebecca afirma “acho que nem existia”. “É até difícil falar, sabe?! É porque eu acho que desde quando eu consegui segurar o peso de uma bola o voleibol sempre esteve na minha vida, então é bem difícil de falar de Rebecca sem voleibol”, complementa a cearense.

Rebecca é mais uma entre as tantas atletas que começam os primeiros contatos com o esporte apenas como uma brincadeira de criança, sem pretensão de alcançar os títulos que vêm depois. “A minha mãe fala que a partir dos meus cinco anos eu sempre brinquei com a bola, aí a partir dos meus nove anos eu já estava brincando mesmo na escola. Eu tipo treinava na escola com nove, dez anos; e com os meus 11 anos eu fui para o clube em Fortaleza”. O clube a que ela se refere é o BNB Clube, berço de muitos atletas que começam a jogar em Fortaleza.

Por ter pais amantes do esporte, talvez Rebecca tenha passado por um início com mais pressão de conseguir se profissionalizar e crescer dentro do voleibol. “Sempre as pessoas tinham uma visão muito grande em cima de mim e eu não enxergava isso. Eu só queria brincar, nada de competir, nada sério. Mas aí quando eu fiz 11 para 12, eu já fui para o clube. Eu fui mais para o clube por questão de incentivar mesmo, as pessoas ficavam o tempo todo me incentivando para ir, que eu tinha que treinar em um canto melhor todos os dias, então eu

acho que ali me despertou a curiosidade, na verdade. Foi bem realmente a questão de querer viver de vôlei [...] e eu fui né, fui tentar a sorte”, relembra Rebecca.

Seja sorte, coincidência ou destino, Rebecca nasceu em um dos anos áureos do voleibol de praia cearense — e brasileiro — prestes a ter Franco e Roberto Lopes consagrados campeões do mundo na temporada que adentrava. Era um momento de ascensão do voleibol como um todo, mundialmente inclusive, porque em 1993 a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) se tornou a maior organização esportiva do mundo com a filiação de 210 membros associados.

A dona de casa Ivonete, mãe de Rebecca, corrobora com as memórias da filha, de sempre ter apoiado Rebecca a ser atleta. “Eu Sempre lidei bem porque até então nós dois [ela e o marido] jogamos até hoje. E eu sou apaixonada por voleibol e não tenho previsão de parar de jogar o Master¹. Mas a Rebecca sempre conviveu com a gente dentro de quadra, viajando para competir os campeonatos intermunicipais. A Rebecca sempre estava muito presente em tudo que eu fazia, nos meus treinos, então praticamente ela sempre viveu desde pequenininha dentro das quadras. Joguei até grávida dela”, destaca Ivonete que sempre esteve presente dentro do voleibol amador de quadra, mas nunca se profissionalizou.

COMEÇO CONTURBADO NA QUADRA

Rebecca, que tem 1,75m, entrou no BNB Clube em 2004, quando o Ceará já tinha grandes nomes do voleibol de praia em destaque no cenário internacional. Franco, Roberto Lopes, Márcio Araújo e Shelda há haviam conquistado títulos mundiais e participações olímpicas. Contudo, no clube ela se voltava muito mais ao voleibol de quadra e não dava a devida atenção aos ídolos conterrâneos, focando mais nos ídolos fa-

1 Categoria para pessoas acima dos 40 anos.

miliares. “Eu sempre tinha a visão dos meus pais, eles jogavam vôlei e ainda jogam até hoje, mas, assim, algum atleta, alguém que jogava, eu nem acompanhava [o voleibol nacional] para você ter noção; eu nem sabia quem eram os (jogadores) famosos da época”, destaca Rebecca.

Os treinos à tarde no BNB eram conciliados com a escola no período da manhã. Rebecca foi aluna do Colégio Manuel da Silva, uma instituição particular localizada no mesmo bairro onde ela residia. Com o incentivo familiar no clube, Rebecca deparou com a chance de dar um passo importante na carreira de todo atleta: fazer parte de um tradicional clube esportivo no Sudeste do país.

Em 2007, com apenas 14 anos, ela embarcou em um voo para São Paulo, para fazer parte da base de jogadores do Esporte Clube Pinheiros, um time que figura na Superliga Feminina de Voleibol (principal campeonato nacional da modalidade) até hoje. O receio que Ivonete não demonstrava com a carreira da filha em Fortaleza deu lugar à preocupação de vê-la partir para uma distância de 3.116 quilômetros.

Rebecca revela que a oportunidade surgiu porque tinha amigas de Fortaleza que jogavam no clube, mas que estavam perto de “estourar” — ou seja, passar da idade limite para jogar no infantil (que é 16 ano). “Aí uma delas me indicou para ir. Eu tive de mandar aquele tipo de vídeo jogando para eles [os dirigentes] dar uma olhada, para poder aprovar e tal, e eles gostaram muito. Aí eu fui, não precisei fazer nem peneira, nem nada”, relembra Rebecca.

“Foi muito difícil porque ela tinha só 14 anos. Então botar ela dentro do avião sem saber como ela ia ficar... A gente sabia que teria toda uma estrutura mas nós não tínhamos condições financeiras de ir com ela, deixar ela lá. Então a gente tinha só a passagem dela e ela foi. Mas o contato físico com as pessoas a gente não teve foi tudo negociado por telefone. Então foi muito difícil e foi uma coragem muito grande da nossa parte. Hoje em dia eu acho que nem seria mais interessante fazer isso. Mas a gente correu esse risco, e graças a Deus deu tudo certo. Foi um

risco mas que valeu a pena”, complementa a mãe de Rebecca.

Apesar da importante jornada, Rebecca afirma que, à época, a imaturidade ainda não a permitia enxergar todas as mudanças as quais passava, como o início de uma profissão promissora. “Eu sabia que eu tinha potencial mas eu nunca visei na época em que eu jogava na quadra a questão de, tipo assim, chegar numa Olimpíada, sabe?! Eu consegui na época ainda pela quadra, eu consegui ir para São Paulo, jogar no Pinheiros [...] não cheguei a jogar a Superliga, joguei o Campeonato Paulista. Eu tinha essa visão, tinha essa vontade, mas eu não conseguia visualizar ainda essa vontade de ir para uma Olimpíada e viver só disso”.

Da experiência em São Paulo, ela tirou dois saldos, um positivo e um negativo. O positivo foi o ganho de maturidade — forçada, mas necessária. “Eu morava lá com cinco meninas da mesma faixa etária, só que eu acho que eu era a única de fora, todas eram tipo do interior de São Paulo [...] no fim de semana voltavam para casa e eu ficava lá, foi punk nos primeiros dois meses, foram terríveis”, revela Rebecca sobre a difícil missão de ser a única cearense (talvez não a única cearense, mas a única que não era de São Paulo) entre as colegas de apartamento.

Contudo, ela não deixa de balancear os bons aprendizados. “Com certeza eu amadureci ali, nem que seja um pouco. Acho que eu consegui dar valor a minha família, a ficar em casa, a realmente saber o que é que eu quero, eu acho que ali foi muito um aprendizado, porque eu fiquei quase um ano, não foi muito tempo de experiência, mas eu acho que o tempo que eu fiquei lá eu consegui compreender muitas coisas, e eu acho que foi realmente muito importante”, complementa.

O ponto negativo foi uma séria lesão no joelho direito, sendo obrigada a operar o ligamento cruzado anterior. Quando jogava pelo Pinheiros, Rebecca teve uma contusão que mudaria o rumo de seus passos. “A única preocupação que a gente teve foi quando ela rompeu o ligamento do joelho. A gente achou que ela ia desistir de jogar. Eu fui para São Paulo para cuidar dela lá. Ela se tratou lá mas eu decidi trazer ela de volta;

e não deixamos ela voltar mais”, relembra Ivonete.

“O clube quis mandar as passagens para ela voltar mas a gente [ela e o marido] não deixou. A gente ficou triste né não sabia bem o que ia fazer, porque lá na quadra ela tinha se machucado, a gente tava com medo dela se machucar distante da gente”, complementa. “Aí o pai dela insistiu que ela fosse para a praia, foi muita insistência do pai dela que incentivou ela ir para areia. Mesmo sem nenhum comprometimento, só para ela tentar e ver se dava para voltar a jogar novamente. Aí ela foi tentando e foi gostando e deu tudo certo”, rememora Ivonete.

A MELHOR DUPLA DO CEARÁ

Entre os últimos anos da década de 2000 e o começo da década de 2010, o mundo do voleibol de praia foi abrilhantado por uma dupla que é considerada por muitos a melhor da história. Juliana Felisberta Silva e Larissa França fizeram uma parceria que conquistaria, praticamente, todos os títulos possíveis. Juliana é natural de Santos (SP) mas mudou-se para Fortaleza ainda na adolescência para participar do projeto Novos Talentos (que também revelou Taiana e Larissa). Como era muito jovem e morava no Ceará, a identificação com o estado passou a ser oficial quando federou-se pela, então, Federação Cearense de Voleibol.

Larissa é outro fruto do projeto Novos Talentos da CBV que tinha uma das sedes em Fortaleza. Contudo, Larissa, apesar de ser capixaba, já era federada pelo Pará. Depois de uma rápida parceria em 2002, Juliana e Larissa formaram definitivamente a dupla em 2004. Por ambas residirem em Fortaleza (sendo uma delas federadas pelo Ceará), a dupla ficou popularmente conhecida por representar o estado nos campeonatos nacionais que participavam.

Os resultados da dupla começaram a surgir logo no ano seguinte quando elas foram campeãs do CBV Open e do Circuito Mundial da FIVB. Com Juliana sendo eleita pelo Comitê Olím-

pico Brasileiro a melhor atleta de vôlei de praia em 2005. Juliana/Larissa ainda ganharam o campeonato nacional de 2006, 2007, 2010 e 2011; e o campeonato internacional de 2006, 2007, 2009, 2010 e 2012 — além do Campeonato Mundial da FIVB em 2011.

A identificação com Fortaleza foi tão grande que a dupla chegou a construir um centro de treinamento próprio na Capital, que levava o nome da dupla. O CT Juliana e Larissa foi inaugurado em cinco de maio de 2007, no bairro Edson Queiroz — iniciativa pioneira de uma dupla de voleibol de praia.

Uma reportagem do Jornal de Brasília, publicada em 27 de abril do mesmo ano, apontava que CT possuía “quadra de areia, com medidas olímpicas, piscina, sala de reuniões, sala para vídeo, sala de fisioterapia e musculação preventiva, além de vestiários e sala de imprensa”. Antes da nova estrutura, a dupla treinava na Volta da Jurema.

“Estávamos tentando concluir as obras desde o ano passado, mas na época tivemos que nos dedicar somente aos treinos para conquistar o bi do Circuito Mundial, o que, felizmente aconteceu. Agora está tudo prontinho e muito lindo. É a nossa nova casa e gostaríamos de conquistar esse título em Brasília para levar o troféu para o CT. Esse é um ano muito importante, pois também iniciaremos o ciclo olímpico e sei que nosso centro de treinamento nos dará muita sorte”, declarou Larissa à época.

Juliana também demonstrou a satisfação com o novo local de treinamento. “Nosso rendimento vai melhorar cada vez mais, pois montamos uma boa estrutura para trabalhar e poderemos ficar ainda mais concentradas. Brasília é a última etapa antes da inauguração e seria muito legal levar o troféu para Fortaleza”, afirmou a atleta sobre o CT. Em 2007, talvez Juliana e Larissa ainda não sabiam que a estrutura seria utilizada ainda para preparar atletas para o futuro.

Juliana/Larissa ainda conquistaram uma das vagas olímpicas para Pequim 2008, mas Juliana se lesionou meses antes da competição e foi substituída por Ana Paula. Já em 2012, a dupla cearense foi junta para Londres, onde conquistaram o

bronze. No mesmo ano, as duas decidiram se separar.

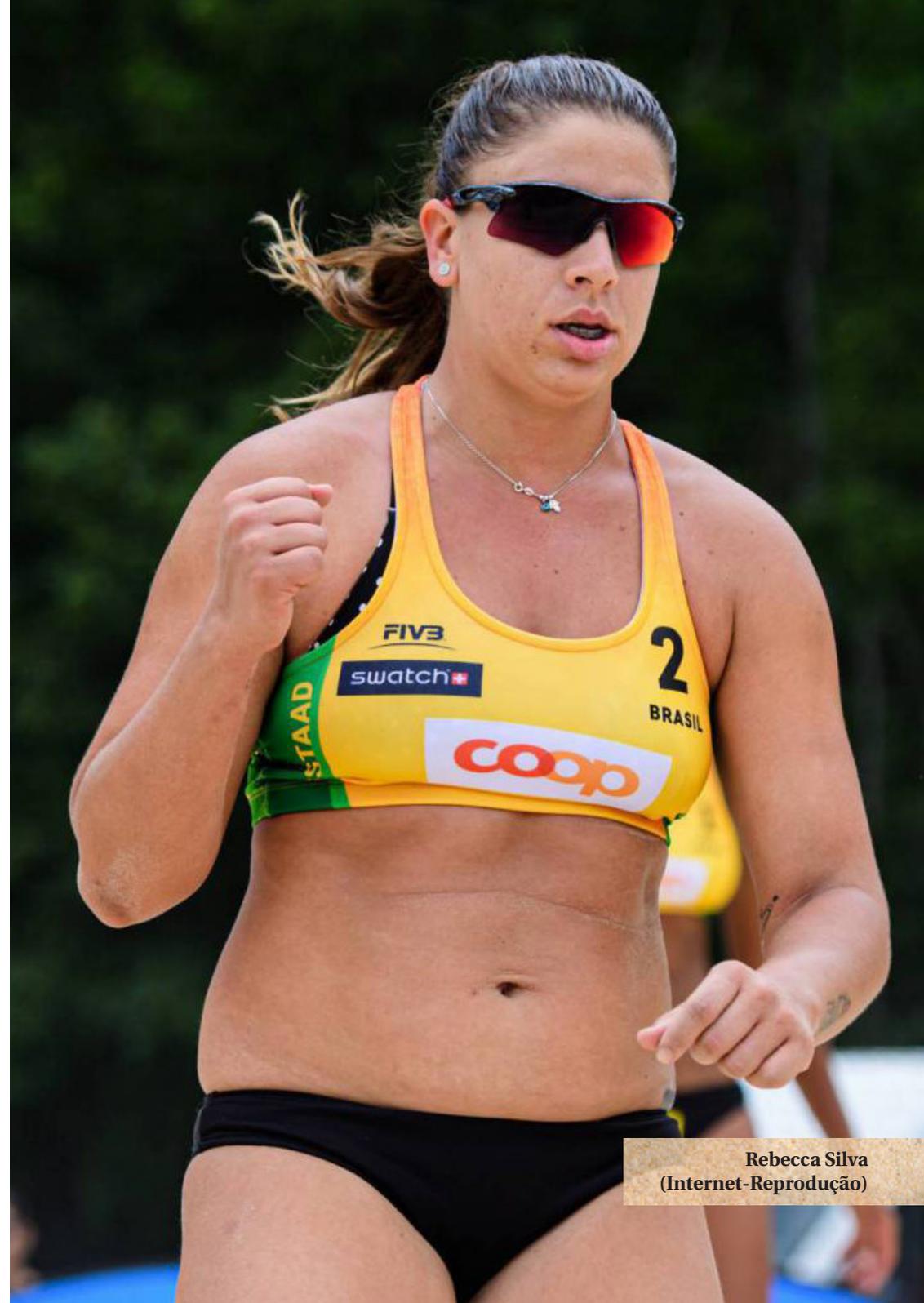
Em reportagem publicada em 11/11/2012, os jornalistas Juscelino Filho e Roberto Leite, do Globoesporte CE, resumiram a decisão das atletas — após uma entrevista exclusiva. “O desgaste causado por nove anos de convivência, treinamentos árduos e uma ‘dose cavalara de pressão’, como elas mesmas replicam, ajudam a explicar as razões da separação. As discordâncias ficam claras em diferentes momentos durante a conversa. Mas a vida segue, com a certeza de que o nome da dupla está gravado na história da modalidade. Enquanto Juliana continua no esporte, Larissa quer aproveitar para ser mãe, cuidar do corpo e dos negócios”, destaca a publicação.

MUDANÇA DESPRETENSIOSA

Com a lesão no joelho e a volta para Fortaleza, os pais de Rebecca temeram que ela desistisse do esporte. Contudo, a insistência de Vagner para que Rebecca pelo menos tentasse experimentar o voleibol de praia foi fundamental para iniciar uma transição, de certa forma, despretensiosa. Como os pais da cearense sempre estiveram inseridos dentro do cenário do voleibol (ainda que de quadra), Vagner usou o contato que tinha com Reis Castro para buscar uma oportunidade para a própria filha. Por intermédio de amigos em comum, Reis decidiu dar uma chance à Rebecca.

O atual técnico da dupla Ana Patrícia/Rebecca já trabalhava em um projeto inspirado pelo ‘Novos Talentos’ da CBV, em 2009, dando oportunidades a outras atletas e inseriu Rebecca no grupo. Reis era técnico de Juliana/Larissa e teve a visão de iniciar uma preparação de novas atletas que pudessem futuramente dar continuidade ao legado da dupla. Desse projeto saíram atletas como Rebecca, Carol Horta e Ana Patrícia.

“Aí não deu outra, a Juliana ainda tá jogando, mas a Larissa parou, e hoje eu tô colhendo os frutos de um projeto que eu fiz um investimento lá atrás. Esse projeto não tinha a participa-



Rebecca Silva
(Internet-Reprodução)

ção da federação [cearense]. A federação ficou sabendo, ficou ciente do que tava acontecendo, desse movimento feito por mim. Houve, é lógico, um apoio, fornecimento de material, tudo que uma federação pode apoiar. Mas nada além disso, a mão de obra toda foi feita por mim, pelo Oliveira, que era o preparador físico na época. Aí hoje em dia, a gente conta pelo menos uma quatro ou cinco garotas, dos circuitos brasileiro e mundial, que saíram do nosso projeto, de 2009”, detalha Reis.

“O projeto durou até enquanto as meninas se tornassem adultas, quando elas se tornaram adultas, cada uma continuou particularmente. Na realidade, eu só queria inserir mais atletas no contexto nacional e contexto mundial”, complementa o técnico.

“Foi quando eu comecei a treinar com ele, e acho que com mais umas seis meninas, e ali eu fui despertando um outro voleibol, porque quando eu tive a contusão do joelho, eu tive muito receio de voltar a jogar na quadra, de não conseguir jogar mais. Aí o vôlei de praia entrou como se fosse para me motivar de novo”, revela Rebecca. Os treinamentos do projeto aconteciam no CT Juliana e Larissa.

“A questão de eu ter ido para praia, eu acho que foi coisa de Deus mesmo porque quando eu tive a contusão no joelho eu não queria mais jogar. Ali eu poderia ter seguido para outro rumo e realmente ter sido fisioterapeuta”. Rebecca revela que no começo da carreira via a graduação em Fisioterapia como “plano B” caso não obtivesse sucesso no esporte. “Eu não tinha essa pretensão [de profissionalizar]. O vôlei de praia apareceu para mim naquele momento como se fosse uma válvula de escape, não foi uma coisa que eu já almejava, eu queria só ir, tentar e ver se dava certo mesmo”, complementa.

Rebecca não esconde que quando mudou para o voleibol de praia não enxergava no horizonte um futuro tão promissor, pois ainda estava em um processo onde gostar e se adaptar eram incertos. Porém, logo no ano seguinte ela chegou às semifinais — ficando em quarto lugar — do Campeonato Mundial Sub-19 de 2010 quando fez dupla com a também fortalezense Juliana Simões. No mesmo ano, dentro da mesma categoria,

Rebecca foi campeã do Campeonato Brasileiro Sub-19, também porém ao lado de Carol Horta.

UMA PAUSA INESPERADA

Os resultados continuaram a surgir na carreira de Rebecca. Em 2011, ela foi considerada pela CBV a “revelação do Circuito Banco do Brasil”. E no mesmo ano, ela voltou a ser campeã brasileira nas categorias de base, dessa vez no sub-21. Já no ano seguinte, Rebecca continuou se destacando nacionalmente nas etapas dos campeonatos nacionais e chegou a ser vice-campeã do Campeonato Mundial Sub-21, quando perdeu, ao lado de Drussyla Costa, na final para as suíças Nina Betschart e Anouk Vergé-Dépré.

De acordo com o data-base da FIVB, entre 2010 e 2012 (entre 2010 e 2012??), Rebecca teve participações nos campeonatos internacionais com três parceiras diferentes: Juliana Simões, Carol Horta e Drussyla Costa, que atualmente está no voleibol de quadra, defendendo o Sesc/Flamengo, time do Rio de Janeiro.

Os bons resultados foram interrompidos por algo que Rebecca desejava mas não planejava: uma gravidez aos 20 anos. “Na verdade, quando eu engravidei da Isabela não foi uma gestação planejada, mas eu sempre tive, e nunca escondi de ninguém, o desejo de ser mãe nova, com 23, 24 anos de idade. Só que na época em que eu engravidei da Isabela, eu estava no auge já na praia, já estava chegando em um nível muito bom com a Lili”, lembra Rebecca que formava dupla com Lili Maestrini, jogadora de Vitória (ES) — e que é atualmente casada com Larissa.

“Foi um baque porque a pessoa vem chegando no auge competindo em um título brasileiro e engravida. Todo mundo ficou apavorado, queriam todos me matar. Mas eu também entendi a opinião de todo mundo, mas infelizmente não foi uma coisa programada, então também não fiquei triste por isso, já que era um desejo meu e só foi adiantado. Mas eu sempre tive na minha cabeça que eu ia conseguir conciliar, voltar

da gestação e continuar jogando, justamente porque eu tinha um apoio familiar muito grande para isso, então aí que eu vi que dava certo realmente. Eu voltei da gestação muito rápido, a Isabela infelizmente não mamou muito e facilitou um pouco a minha volta, na verdade”, destaca Rebecca.

Em 2012, com o fim da dupla Juliana/Larissa e com Márcio Araújo se encaminhando para uma possível aposentadoria, a necessidade do surgimento de um novo nome com destaque nacional e internacional preocupava os dirigentes estaduais. “E surgiu, graças a Deus, uma garota gordinha [Rebecca pesa 71 quilogramas, de acordo com a CBV], mas de muita habilidade, muita inteligência esportiva, que é a Rebecca. Mas qual a diferença da Rebecca para as antigas? Por exemplo, vamos comparar com a Juliana e a Larissa, que passaram dez anos no comando do voleibol, comandadas pelo Reis e pelo Oliveira. Acabou o Márcio de um lado, acabou Larissa e Juliana do outro, vamos ficar com quem? Aí surge a Rebecca, uma gordinha, pequena, que não tinha essas responsabilidades todas pra jogar, fazendo um parâmetro”, declara Ronald.

“Ela passou a fazer, no campeonato brasileiro, várias semifinais e finais, jogando com a Lili. O que é que ocorre? Aquela responsabilidade que eu falei que ela não tinha: ela engravidou, no auge daquele momento da carreira dela. Era um momento pra agarrar a profissão, e ela foi lá e, não se importando muito com o que tava se passando como atleta, engravidou. Pode ter sido um acidente, pode ter sido sei lá, mas o fato é que aconteceu e isso prejudicou o andamento da carreira dela”, avalia o atual presidente da Favece.

OS OBSTÁCULOS NA RENOVAÇÃO

Como antecipado por Ronald, por volta de 2012-2013, o Ceará buscava nomes de grande destaque, uma vez que Márcio Araújo já demonstrava indícios de uma aposentadoria, Juliana e Larissa não estavam mais juntas, Taiana sofria com as trocas constantes de duplas, e o estado carregava a responsabilidade de manter um padrão iniciado por grandes atletas como Franco, Roberto Lopes e Shelda. Contudo, para além de Rebecca, o cenário não era dos melhores.

“O voleibol do Ceará de 2012 em diante... O que aconteceu na minha visão? Nós tivemos uma leva de treinadores do indoor, que é da onde vem a proveniência dos jogadores de praia e de quadra [...] todos vêm do indoor; não existe uma escolinha de praia que faz jogador. Os caras jogam no BNB Clube, jogam no Náutico, na Unifor, na UFC, disputam campeonato cearense e dali despertam a vontade de jogar na praia. [O jogador] vai pra praia, mas foi feito na quadra”, começa Ronald.

“Na minha visão, o nível técnico dos jogadores e dos treinadores, nesse momento, teve uma queda gritante em relação aos anos anteriores. O nível caiu, não só técnico como também de interesse, a vida foi ficando mais difícil; e o professor de educação física, você sabe, pra sobreviver, ele tem que servir a vários senhores, tem que trabalhar no colégio, no clube, então ele acaba sem tempo pra fazer um grande trabalho. Infelizmente o nosso voleibol de quadra caiu, foi de ladeira a baixo, devido à falta de empenho, falta de trabalho, falta de conhecimento”, complementa.

“Então [com a Rebecca] o nosso voleibol hoje escapou por um triz, pra não ficar sem representatividade. O Márcio deixou de jogar, se aposentou. Era o cara que foi meu aluno ali durante três olimpíadas: na primeira ele não foi [mas já era sparring], que eu fui com o Franco e o Roberto; na segunda ele já foi, de Atenas, com o Benjamin; e na terceira ele foi pra Pequim, com o Fábio Luiz. Mas o Márcio ficou velho e parou de jogar, e cadê o outro? Cadê o movimento, cadê a capacitação dos treinadores pra fazer um novo atleta de ponta? Pra mim, o grande problema foi esse, sem falar da falta de estrutura, de política

pública de esporte, que não é o Ceará, é o Brasil que não tem. A gente vive correndo atrás disso e não consegue”, continua o presidente da Favece.

“Eu não sei se é essa internet maluca... As pessoas se isolam muito, em cima do computador, em cima do celular; não tem mais amizade, não tem mais o encontro. Não sei lhe dizer, eu sei que existe uma grande diferença, não só no voleibol, das pessoas como um todo, de antigamente para as pessoas de hoje. Não ia ser diferente dos atletas de voleibol, sem querer ser nostálgico, saudosista, porque eu vivo o voleibol até hoje como presidente da federação”, finaliza Ronald.

Outro empecilho que abalou o voleibol cearense em 2013 foi a necessidade da criação de uma nova federação. Segue, na íntegra, o relato de Ronald Rocha que assumiu — e criou — o novo órgão representante do voleibol no Ceará em 2013.

“Infelizmente, como eu estou lhe dizendo, a Federação não tem memória. A Federação tem um patrimônio; presidente saiu, entrou outro, continua da Federação. Vou contar umas histórias aqui por cima, você vai tirar sua própria conclusão. A Federação tem um escritório — hoje é aqui na frente do Del Paseo, transferi aqui pro Casablanca Mall, do lado do Center Um, no quinto andar. Tem lá três compartimentos: fica o secretário, depósito de material e, lá no fundo, minha sala. Quando eu sair da Federação e entrar uma pessoa no meu lugar, eu digo ‘tá aqui a chave, tá aqui o número da conta’. Eu saio, a pessoa assume, com os bônus e ônus. Quando eu assumi, só assumi com os ônus, os bônus foi dado sumiço. Cadê os computadores do escritório? Cadê a documentação? Quando eu jogava, fui campeão nove anos seguidos pelo Náutico cearense, como eu vou provar isso? Se os documentos foram pra um acervo no [Ginásio] Paulo Sarasate, eu nunca ouvi falar disso, porque o presidente anterior não me disse.

Ele simplesmente tirou tudo da Federação e eu fui resolver onde é que eu ia morar, em termos de presidente. Onde é que eu vou botar a Federação? Primeira sede da Favece foi na [Avenida] Beira Mar, num prédio que um amigo meu é o gerente do prédio, é o síndico, vamos dizer assim, ele trabalha com isso, gerenciando prédios, não precisa de síndico, ele mesmo gerencia.

Tinha uma salinha lá embaixo, ele disse ‘rapaz, eu vou botar aqui, pra começar’ e foi o primeiro endereço da Favece. E aí a gente foi se estruturando, alugando ali, acolá, CBV foi ajudando e foi fazendo assim. Então, se lá no Paulo Sarasate tem alguma coisa, não sou eu quem tem que chegar lá, arrombar a porta e trazer os documentos, a obrigação era do antigo, o Virgílio, ter me dado isso tudo, ter dito ‘Ronald, tá aqui, isso aqui é a documentação dos campeonatos...Ele deve ter tido os motivos dele pra não mostrar nada. Então, eu acho que dá pra você tirar suas conclusões a partir daí”

Durante o processo de construção desse livro, o autor conversou com três presidentes da federação diferentes: Airton Fernandes, José Virgílio Pires e Ronald Rocha. O primeiro e o último revelaram que para ter acesso aos documentos históricos que contam a história do voleibol cearense era preciso contactar José Virgílio, atual diretor de voleibol de praia da CBV.

O arquivo histórico da federação não foi repassado de um presidente para o outro, e a Federação Cearense de Voleibol possuía diversos entraves burocráticos que dificultavam a gestão. Então, em 2013, a CBV desfilou a FCV e tornou órgão oficial da gerência do voleibol cearense a recém-criada Federação de Voleibol do Estado do Ceará (Favece). Ao José Virgílio foi solicitado acesso aos documentos do voleibol de praia do Ceará por meio de ligação telefônica, email e mensagem por aplicativo, mas as solicitações não foram atendidas.

Em matéria publicada na data 09/01/2016, o jornal O Povo, sediado em Fortaleza, apontou no título “Banco do Brasil questiona CBV por contratação de funcionário”. Dentro do texto, a reportagem revela que o principal patrocinador do voleibol no Brasil pediu esclarecimento à confederação após a contrata-

ção de um funcionário alvo de “ações movidas pelo Ministério Público Federal (MPF) por má gestão à frente da federação cearense, que chefiou desde o começo da década passada até 2013”, segundo a publicação.

INÍCIO DA DUPLA COM ANA PATRÍCIA

No retorno às areias após a gravidez, em 2014, Rebecca voltou a fazer dupla com Lili. De acordo com o arquivo da FIVB, ela ainda disputou etapas de campeonatos internacionais com Neide (AL), Elize Maia (RJ) e até mesmo a própria Juliana, em uma etapa do National Tour (evento da FIVB) no município de São José (SE) em oito de dezembro de 2016. Mas foi com a mineira Ana Patrícia que Rebecca voltou ao auge após o início da parceria em janeiro de 2017.

Contudo, a trajetória que levou ao encontro dos caminhos de Rebecca e Ana Patrícia tem início alguns anos antes. “A Confederação Brasileira fez uma seleção de praia. Aí em vez de eu ir pra seleção [adulta] de praia, eu fui pra de base, eu fiz questão de ir pra de base; eu queria ter contato com os novos talentos do Brasil todo, porque aqui no Ceará a gente fica muito restrito ao Ceará e aos estados vizinhos [...] e eu indo lá pra Saquarema, tinha acesso a todas as atletas do Brasil”, relembra Reis Castro.

“Aí eu acompanhei algumas etapas do campeonato brasileiro de base, e eu vi a Ana Patrícia lá, fiz a convocação, ela esteve lá em Saquarema conosco, depois eu convoquei 40 garotas, depois ficaram só 12, e a Patrícia ficou entre essas 12. Nesse período, a Larissa tinha parado de jogar e retornou às atividades, para os jogos olímpicos do Rio [quando jogou com a Talita, antiga dupla da Taiana], e me fez o convite de novo pra ser treinador delas, treinador na frente de trabalho nos Jogos Olímpicos. Com isso, eu acabei saindo lá da seleção de base”, complementa Reis.

“Só que meu relacionamento com a Patrícia foi muito forte. E aí quando acabaram os campeonatos de base naquele

momento, ela acabou me procurando. Eu tava morando em Fortaleza, ela com 16 anos de idade só, eu ajeitei tudo em Fortaleza pra que ela viesse, aí ela ficou treinando com a gente, nesse período. Aí a Rebecca, paralelo a isso, engravidou e teve neném. Aí quando ela me procurou, a Patrícia já tava num nível bem considerado, e elas resolveram jogar juntas; eu apoiei e tão juntas até hoje”, finaliza o atual técnico da dupla.

A mineira corrobora com o depoimento do técnico. “Em 2015 eu decidi vir morar aqui; era uma coisa completamente distante para mim que sou de Minas Gerais, ‘interiorzão’ de Minas Gerais, então pensar no Ceará era tipo pensado no outro lado do mundo; mas tem sido uma experiência maravilhosa. Tenho com certeza Ceará como o estado do meu coração também assim como Minas Gerais”, declara Ana Patrícia que tem 1,94m e nasceu em 29 de setembro de 1997, no município de Espinosa.

“Antes mesmo de vir aqui para o Ceará eu já ouvia muito falar sobre o vôlei de praia daqui, sobre os grandes jogadores né que tiveram (a Shelda, Roberto, Franco), enfim, entre vários outros que tenho grande admiração. Então o volêi de praia no Ceará é muito respeitado no Brasil inteiro com certeza. Trabalhos que são realizados aqui são trabalhos de muito respeito da categoria de base como profissional, e eu diria que com certeza está entre em um dos vôleis de praia mais fortes do Brasil, por total merecimento, porque tem muitos profissionais extremamente competentes e atletas também engajadas”, avalia a mineira.

Rebecca aponta também a visão que tem sobre o início da parceria. “A gente jogou um ano no sub-23 com responsabilidade nenhuma, foi um ano bem tranquilo e a gente ainda conseguiu o título de campeãs brasileiras no sub-23 [em 2015]. Eu gosto de coisas a longo prazo, então a gente juntou já pensando em longo prazo não foi nada para cima da hora, então foi bem bacana porque a gente já tinha jogado um ano juntas e a gente já tinha uma química, já tinha uma afinidade dentro da quadra, e isso facilita muito; e a gente já tinha uma amizade fora dela também, então complementa mais ainda. Lógico que todo mundo acha, porque a gente começou a aparecer agora,

que a gente começou a ganhar tudo mas as pessoas esquecem que lá no início a gente também perdeu horrores, apanhamos horrores para poder começar a ganhar, então as pessoas esquecem. Então eu acho que eu e a Patrícia a gente conseguiu passar por todos os processos devagar, do jeito que tem que ser. A gente não atropelou nada”, reforça Rebecca.

Na primeira temporada, Rebecca e Ana Patrícia conseguiram os títulos de campeãs das etapas de Maceió (AL) e Aracaju (SE) do Circuito Brasileiro 2017/2018; e vice-campeãs da etapa de Itapema (SC) e bronze em João Pessoa (PB). Já na temporada seguinte, foram campeã das etapas de Palmas (TO), São Luís (MA) e Natal (RN) do Circuito Brasileiro 2018/2019; e campeãs da etapa de Qinzhou (China) e vice-campeã em Yangzhou (China) do Circuito Mundial 2018.

A dupla também trouxe destaques individuais principalmente para Ana Patrícia, que foi eleita a jogadora de melhor bloqueio do Circuito Brasileiro 2017/2018 e 2018/2019; melhor ataque do Circuito Brasileiro 2017/2018 e 2018/2019; e atleta que mais evoluiu no Circuito Brasileiro em 2017/2018 — sendo que ela já tinha alcançado a mesma marca na temporada anterior.

O destaque nacional tem acompanhado a dupla há, pelo menos, duas temporadas, mas o principal título nacional veio em 2020. O CBV Open de 2019/2020 foi encerrado por regras de biossegurança instauradas não só no Brasil, mas como em todo o mundo, por diversos chefes de estado como medida preventiva contra a propagação da pandemia de coronavírus. Porém, a CBV declarou Ana Patrícia/Rebecca como a dupla campeã, após elas serem campeãs de três etapas do campeonato — Cuiabá, João Pessoa e Aracajú — e ficar em segundo lugar na etapa de Vila Velha. Ao todo, o CBV Open teria sete etapas mas as duas últimas, no Rio de Janeiro e em Itapema (SC), foram canceladas devido à pandemia.

“Acredito que tivemos a melhor decisão em virtude do momento atual, principalmente tendo em vista o quadro de indefinição pela pandemia da covid-19. Agora vamos trabalhar na elaboração do calendário 2020/2021, com a ajuda da comissão de atletas, aumentando o número de etapas da próxima temporada, com previsão de início em setembro”, disse José Virgílio Pires, superintendente da CBV, de acordo com notícia veiculada no Diário do Nordeste em 13 de maio de 2020.

A temporada 2020/2021 teve o acréscimo das duas etapas canceladas na temporada anterior (Rio de Janeiro e Itapema) e iniciou no dia 17 de setembro de 2020. O retorno contou primeiro, exclusivamente, com duplas femininas, no Centro de Desenvolvimento do Voleibol (CDV) em Saquarema (RJ). Na semana seguinte, a partir do dia 24, teve início a etapa com as duplas masculinas.

LEGADO CEARENSE

Apesar da título do campeonato nacional na temporada 2019/2020, Ana Patrícia, Rebecca e Reis comemoram a principal conquista em outubro de 2019, quando foram confirmados como parte das equipes que vão representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio — que deveria ter acontecido em 2020 mas foi adiado para 2021 por conta da pandemia de coronavírus. Além da dupla cearense/mineira, Ágatha e Duda compõem o naipe feminino do País; já no masculino, os representantes são Alison/Álvaro Filho (PB) e Evandro/Bruno Schmidt (RJ/DF)².

Uma matéria publicada em 16 de outubro de 2019, no Diário do Nordeste, detalha o processo de confirmação das quatro duplas com vaga olímpica. “Essa confirmação ocorreu depois que a entidade [FIVB] resolveu cancelar a etapa de Fort Lauderdale, nos Estados Unidos, fato que diminuiu o número de pontos em disputa na corrida olímpica da modalidade e an-

² Alison e Bruno Schmidt, agora em duplas rivais, defendem o título após conquistar a medalha de ouro na Rio 2016, quando jogaram juntos.

tecipou a determinação das parcerias do País na Olimpíada”, aponta a publicação.

A corrida olímpica brasileira teve início em fevereiro de 2019 e considerou os pontos conquistados nas etapas de nível quatro e cinco estrelas do Circuito Mundial da FIVB, além do Campeonato Mundial. Na disputa por vaga, os atletas puderam descartar as pontuações mais baixas, somando os dez melhores resultados obtidos durante a temporada.

A luta por um lugar em Tóquio 2021 deveria ter acontecido até fevereiro de 2020. Contudo, com o calendário divulgado pela FIVB em outubro de 2019, aconteceria apenas uma etapa com pontuação dentro do qualificatório — o evento quatro estrelas de Chetumal, no México, em novembro. E com a vantagem que já possuíam, as duas primeiras duplas de cada nação não tinham mais como ser alcançadas ou ultrapassadas.

No masculino, Alison/Álvaro era a dupla que ocupava a liderança, com 5.600 pontos na média dos dez melhores resultados; já Evandro e Bruno Schmidt apareciam na segunda posição, com 5.500. Na disputa olímpica feminina, Ágatha/Duda lideravam com 6.320 pontos, enquanto Ana Patrícia e Rebecca se apresentavam na vice-liderança, com 6.150.

Tornar-se voleibolista profissional nas areias do Ceará é carregar um legado olímpico iniciado por Franco e Roberto Lopes e prosseguido por Márcio Araújo, Shelda e Juliana. E essa missão se aproxima para Rebecca. Quando formou dupla com Ana Patrícia, ela revela que já mencionava a possível conquista de uma participação olímpica. O que ela não esperava era que fosse chegar em três anos de trabalho. “A gente até achou que a Olimpíada de 2020 agora ia ser muito em cima; a gente estava planejando uma coisa mais para 2024 mas os resultados foram vindo, foram aparecendo, a gente foi conquistando o nosso espaço e chegou primeiro do que a gente imaginava”, complementa.

Sobre a sensação de tal importância, ela não esconde a surpresa. “É incrível. Às vezes eu me paro pensando que a ficha ainda nem caiu, é engraçado. A gente teve um ano muito difícil, a gente ralou muito. A gente já sabia que tinha conquistado a vaga antes de ser anunciado, mas não podia anunciar, não podia falar nada e a gente ficou muito feliz. Acho que tem lógico uma responsabilidade e esse peso todo de representar o país, representar o estado, a família, as pessoas que conviveram e lutaram comigo desde o início, a gente sabe de toda essa responsabilidade; mas a gente quer aproveitar o momento, curtir, porque é justamente uma oportunidade única, nem todo mundo tem essa chance, nem de competir”, declara a cearense.

Ana Patrícia que tem apenas 21 anos também comenta a oportunidade que terá na capital japonesa. “Acredito que tudo acontece quando tem que acontecer. A gente está se preparando bastante; é um sonho nosso. Com certeza é um sonho de todo mundo; a gente entende que todo mundo está em busca também do mesmo objetivo mas a gente está sempre focando no nosso e com a certeza de que o trabalho está sendo feito. É isso que pode fazer a diferença lá”, complementa a mineira.

Reis, que já foi técnico em três outros jogos olímpicos, destaca a filosofia adotada para que o objetivo fosse alcançado. “Olha, eu trabalhei muito em cima do favoritismo dos outros. Eu sabia que em algum momento o favoritismo ia atrapalhar, pra quem se achava favorito. Então, eu treinei a Rebecca e a Patrícia de uma forma na qual a gente participasse dessa corrida olímpica de uma forma despreziosa, fazendo o nosso e, se os outros se atrapalhassem, a gente ia lá e ia conquistar o negócio”, comenta.

“Aí o que foi que aconteceu? Eu tive o cuidado de me preparar bem para o início da corrida olímpica, pra dar logo a largada na frente, um tiro. Na hora que você larga na frente, os outros ficam se matando atrás e acabam perdendo o foco. E você acaba administrando sua própria corrida ali. E aí não deu outra. A gente ganhou logo o primeiro torneio, ficou logo em segundo ou terceiro no outro, aí a gente deu um tiro bem longo na frente, deixou todo mundo pra trás. Muita estratégia, expe-

riência conta muito nesse momento, as jogadoras também foram fantásticas, se deixaram ser guiadas por mim, entenderam a orientação, entenderam os momentos que era necessário comandar, foi tudo muito bom”.

“Eu tô indo pra minha quarta olimpíada. Eu comecei a minha história em 2008, com Larissa e Juliana. Aí a Larissa acabou jogando com a Ana Paula, ficamos em quinto. Aí fomos, em 2012, com a Juliana, pra Londres e ficamos em terceiro. Em 2016, com a Larissa e a Talita, ficamos em quarto. E, agora, estamos indo pra Tóquio, com a Rebecca e a Patrícia e vamos ter medalha de ouro”, aponta com otimismo o técnico.

“E agora estamos nos preparando muito, mas muito mesmo. Nesses dias a mais nós estamos melhorando nossa composição corporal; elas eram muito gordinhas, e isso em algum momento ia atrapalhar, juntamente com contusão podia atrapalhar. Estamos lutando contra isso e elas estão cada vez mais dispostas, melhorando a resistência, a parte técnica, a tática e, principalmente, a parte mental, que nos jogos olímpicos vai ser cobrado demais e nós estamos cada vez mais fortes. Isso está me cheirando a coisa boa, estou começando a perceber que nós vamos verdadeiramente com chance de medalhar”, comenta o técnico.

Ana Patrícia/Rebecca, inclusive, iniciaram a temporada com o pé direito. A CBV realizou a primeira temporada do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia feminino em Saquarema (RJ), no Centro de Desenvolvimento de Voleibol. A dupla comandado por Reis derrotou as outras representantes olímpicas, Ágatha e Duda, na final, conquistando a vitória no primeiro torneio da temporada.

O Ceará nunca trouxe uma medalha de ouro em uma Olimpíada. Márcio e Shelda chegaram muito perto, mas foram superados, com todo o mérito, por outras duplas. Agora Rebecca



Rebecca e Ana Patrícia
(Internet-Reprodução)

tem a chance de não apenas dar continuidade ao legado, como evoluir o nível da missão, conquistando o lugar mais alto do pódio. Coincidência ou não, os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, iniciam em 23 de julho, mesmo dia que a edição de Atlanta, onde Franco e Roberto Lopes iniciaram a trajetória olímpica dos cearenses. Reis, com muita experiência nesse campeonato, pode usar os exemplos anteriores para não cometer os mesmos erros. Rebecca bebeu da mesma fonte de Juliana e Larissa e tem inspiração de sobra. Ana Patrícia nasceu em Minas Gerais e vai ter a missão de carregar a expectativa de dois estados diferentes, pois nunca houve um campeão olímpico mineiro na modalidade. O único ponto certo nessa estrada é que os três carregam uma torcida tão grande quando a distância entre Fortaleza e Tóquio.

REFERÊNCIAS

BARROS, Alan. Na marca do pênalti: o sonho de ser jogador de futebol. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária da UFC, 2015. 147 p. ISBN 9788574852294(broch.);

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009. 470 p. ISBN 9788520428795 (broch.);

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível . 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 96p (Princípios ;v.105) ISBN 8508015224;

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. 7.ed. São Paulo, SP: Summus, 1986. 143p. (Novas buscas em comunicação. v.14) ISBN 8532302483 (broch.);

TAVARES, Regis Torquato de Araújo; SALGADO, José Ronaldo Aguiar; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Catando histórias: três perfis humanizados. 2012: TCC (graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Fortaleza, 2012;

VILAS BOAS, Sérgio. Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003;

O personagem em destaque. <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>;
Para se fazer um bom perfil. <https://brasil.estadao.com.br/blogs/em-foca/para-fazer-um-bom-perfil/>;

Beach Volleybal Database. <http://www.bvbinfo.com/history.asp>;

Toda Matéria. <https://www.todamateria.com.br/voleibol/>;
Dicionário Olímpico. <http://www.dicionarioolimpico.com.br/voleibol/>;

Confederação Brasileira de Voleibol. <http://institucional.cbv.com.br/historia/>;

AMO VOLEI DE PRAIA. <https://www.amovoleidepraia.com.br/>.

